

# DA DOMINAÇÃO À TENTATIVA DE COMUNICAÇÃO: UMA ANÁLISE DOS MÉTODOS DE DOMA PARA EQUITAÇÃO

DEL DOMINIO AL INTENTO DE COMUNICACIÓN: UN ANÁLISIS DE LOS MÉTODOS DE  
DOMA PARA EQUITACIÓN

FROM DOMINATION TO THE ATTEMPT OF COMMUNICATION – AN ANALYSIS  
OF THE INITIAL TRAINING METHODS FOR EQUITATION

**Enviado: 3 de abril de 2020**

**Aceptado: 16 de junio de 2020**

**Cássia Bars Hering**

Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Email: [cassiabars@alumniusp.br](mailto:cassiabars@alumniusp.br)

Este artigo busca tecer um panorama sobre os métodos de doma e treinamento inicial hoje em prática na equitação ocidental, com maior enfoque para o contexto brasileiro. São abordados métodos de doma “tradicional” e “racional”. Para uma melhor compreensão da configuração atual destes métodos, faz-se necessário um breve mergulho na relação humano/ cavalo, desde sua domesticação até o estabelecimento de técnicas modernas de *horsemanship natural*. É necessário também compreender a construção da imagética ocidental do cavaleiro – um modelo masculino de força e poder, que triunfa sobre a animalidade – modelo que hoje começa a ser desconstruído.

**Palavras chave:** doma tradicional, doma racional, arquétipo do cavaleiro, bem-estar animal.

El propósito de este artículo es trazar un panorama sobre los métodos de doma y entrenamiento inicial, hoy en práctica en la equitación occidental, haciendo hincapié en el contexto brasileño. Son abordados métodos de doma “tradicional” y “racional”. Para una mejor comprensión de la configuración actual de estos métodos, es necesario sumergirse en la relación humano/ caballo, desde su domesticación hasta el establecimiento de técnicas modernas de *horsemanship natural*. También es preciso comprender la construcción de la imagen occidental del jinete – un modelo masculino de fuerza y poder, que triunfa sobre la animalidad – modelo que hoy comienza a ser desconstruido.

**Palabras clave:** doma tradicional, doma racional, arquetipo del jinete, bienestar animal.

The purpose of this article is to offer a broad overview of the initial horse training methods, regarding equitation practiced in western societies, emphasizing the Brazilian context. Both “traditional” and “natural” methodologies are here discussed. To try to understand their current application, it is necessary to be conscious of the history of the human/ horse relationship, from its beginnings to the establishment of modern techniques of *natural horsemanship*. It is also necessary to recognize the importance of the symbolic construction of the image of the rider for western societies – a model of masculinity, of power and strength, which triumphs over animality – a model that today starts to fall apart.

**Key Words:** “break the horse”, natural horsemanship, the knight archetype, animal welfare.

## 1. A domesticação dos cavalos e seu relacionamento com os humanos

Dados paleontológicos sugerem que no Pleistoceno, espécies de cavalos (incluindo o *Equus ferus*), teriam se originado na América do Norte, e então migrado para a Eurásia via estreito de Bering, onde prosperaram como população (Warmutha et al., 2012, p. 8203). Alguns dos primeiros indícios dos relacionamentos de humanos com cavalos fundamentam-se na condição de presa/ predador. No sítio arqueológico de Solutré, no leste da França, por exemplo, foi identificado um imenso depósito de ossos fossilizados de equinos, datando entre 32.000 a 12.000 a.C. Estima-se que a caça era realizada dirigindo propositalmente as manadas através de um vale estreito, onde poderiam ser encurraladas e atacadas (Olsen, 1989). Ademais, inúmeras representações de cavalos, nas quais sua condição de presa era por vezes retratada, podem ser observadas em pinturas rupestres do Paleolítico Superior (50.000 a.C. - 10.000 a.C.). Os painéis da Caverna de Chauvet (Ardèche, França), figuram entre estas, assim como inúmeros outros exemplos.

Warmutha e colaboradores (2012), procuraram reconstruir a estrutura genética da população extinta do ancestral do cavalo doméstico (*Equus ferus*). Os resultados desta pesquisa sugeriram que houve uma expansão do *Equus ferus* para fora da Eurásia em cerca de 160.000 a.C., e que a domesticação em si teria se dado na porção ocidental de suas estepes, com o cruzamento constante de cavalos já domesticados com cavalos selvagens locais.

De fato, vestígios arqueológicos sugerem que os primeiros indícios de domesticação teriam se dado em territórios da atual Rússia (ao sul, entre as planícies ucranianas e o Mar Negro), além de regiões mais ao norte (Montanhas Altaicas, Cazaquistão) (Anthony, 2007; Warmutha et al., 2012, p. 8202; Anthony e Brown, 2011; Levine, 2005, p. 6). Algumas datas, relacionadas a este contexto, foram obtidas pela aferição de carbono 14 em restos ósseos, variando entre 4.700 - 4.200 a.C. (Anthony e Brown, 2011). Já Schubert et al. (2014) sugerem datas ainda mais recuadas para domesticação dos cavalos: cerca de 5.500 a.C. Sua pesquisa se baseou na busca de padrões genéticos em populações de cavalos no Leste Europeu e Oriente Próximo. Os autores concluíram também que certos grupos de genes, envolvidos no desenvolvimento límbico, das junções articulares, e do sistema cardíaco, sugerem adaptações fisiológicas à utilização humana<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Faz-se necessário, neste contexto, discutir o próprio conceito de domesticação, e como este conceito pode ser aplicado, considerando-se os cavalos. Os indicadores zoológicos, comumente utilizados para a definição de domesticação, tem se mostrado incertos neste caso específico (Anthony e Brown, 2011, p.134). Um dos indicadores zoológicos, por

De qualquer modo, Anthony (2007) comenta que é muito provável que os cavalos teriam sido domesticados por sociedades já capazes de domesticar bovinos e ovinos<sup>2</sup>, e que na época, teriam sido principalmente utilizados como fonte de alimento. De acordo com Anthony e Brown (2011, p. 137), a vantagem da criação de cavalos fundamentava-se no fato de que estes eram capazes de se alimentar sozinhos durante o inverno; o que nem sempre ocorre com outros animais de pastoreio<sup>3</sup>.

Com o transcorrer do tempo, além de fonte de alimentação, os cavalos passaram a figurar como símbolo de status e da guerra, como é denotado pelos contextos funerários da região do rio Volga, do baixo Danúbio, e dos sítios arqueológicos nas planícies de Dnieper-to-Ural (4200–3800 a.C.) (Anthony e Brown, 2011, p. 141; Anthony, 2007, pp. 256–258). Também com o tempo, a domesticação expandiu-se para outras áreas. Destaca-se que evidências sugerem que cavalos domesticados teriam sido introduzidos na região do Levante ainda no quarto milênio a.C. (ao norte de Nergév – Israel) (Grigson, 1993 *apud* Tatomir, 2014, p. 322). Já Davis (1976) encontrou evidências de domesticação também em Arad (Israel), datadas do terceiro milênio a.C. (Tatomir, 2014, p. 322). Datam de cerca de 3.500 a 3.000 a.C. evidências de domesticação de cavalos também na região do Cáucaso, no médio Danúbio, e na atual Polônia.

Esta expansão, como sugerem Anthony e Brown (2011, p. 143 -148), pode ser explicada em parte, pelo início do uso dos animais como montaria - uma nova maneira de utilização do animal, que teria sido introduzida pelos habitantes das estepes da Eurásia. Os pesquisadores analisaram uma série de crânios de cavalos nos sítios arqueológicos de Botai e Kozhai (Cazaquistão, 3.600 – 3.100 a.C.), cujos pré-molares e mandíbulas apresentavam marcas e patologias esperadas em cavalos que utilizam embocadura. Ainda de acordo com Anthony e Brown, estas embocaduras iniciais seriam muito

---

exemplo, seria a mudança na proporção dos ossos do aparelho locomotor. Porém, de acordo com Anthony e Brown (2011, p. 135), os cavalos selvagens do Holoceno Médio variam em tamanho (os cavalos das estepes do Cazaquistão seriam maiores do que os cavalos da região da Ucrânia, por exemplo). Nesse sentido, cruzamentos populacionais naturais, que gerariam tamanhos diferentes, poderiam ser confundidos com um produto da “domesticação”. Outra métrica para definição zoológica de domesticação seria o aumento da variabilidade. Este aumento é principalmente notado a partir de 2.500 a.C., na região da Ucrânia. Entretanto, como comentado, outros estudos já apresentam datas bastante inferiores, e nesse caso, a variabilidade pode estar ligada à criação de novas raças, e não à fase inicial de domesticação (Anthony e Brown, 2011, p. 134).

<sup>2</sup> Alguns dos primeiros vestígios ósseos relacionados à domesticação de ovinos e bovinos foram identificados em áreas entre os rios Dnieper e Ural, ao norte do Mar Cáspio, entre 5.300 - 4.800 a.C. Já na região entre os rios Don e Volga, há datações de cerca de 6.000 a.C. (Anthony e Brown, 2011, p. 137).

<sup>3</sup> “Bovinos e ovinos empurram a neve com seus focinhos, enquanto os cavalos usam seus cascos. Se a neve se torna incrustada com gelo, pode machucar os focinhos dos bovinos e ovinos; por este motivo, estes podem não conseguir alimentar-se da vegetação que está sob o gelo. Os cavalos possuem o instinto de quebrar este gelo, e com seus cascos afastar a neve” (Anthony e Brown, 2011, p. 137, tradução nossa).

provavelmente orgânicas, feitas em materiais como couro, por exemplo (Anthony e Brown, 2011, p. 148). A partir de então, a montaria teria não somente facilitado a cobertura de longas distâncias, mas também o pastoreio de animais, e as investidas em ataques e guerras.

### 1.1 A Instrumentalização do Equino

Indicadores relacionados à introdução dos primeiros equipamentos para controle e condução do cavalo são ainda discutidos entre os pesquisadores. Como mencionado anteriormente, Anthony e Brown (2011, p. 143 -148) acreditam, por meio da análise de evidências indiretas (dentes e mandíbulas), que algum tipo de embocadura em material orgânico já era utilizado nas planícies da Eurásia em cerca de 4.000 a.C. De acordo com Nevzorov, um dos primeiros registros iconográficos de instrumentos utilizados para controle de equinos, provém da região da Mesopotâmia<sup>4</sup>. Em cerca de 2.500 a.C., os sumérios teriam desenvolvido uma espécie de anel, em madeira ou bronze geralmente, que era introduzido na pele e cartilagem das narinas do animal, quebrando-se o septo nasal. Uma ou duas cordas eram atadas a este anel, que possibilitava o homem controlar o equino, e dirigi-lo por meio de um carro ou carruagem. Ainda segundo Nevzorov, havia muita dificuldade na colocação deste anel, sendo que, para tal, o animal era derrubado e segurado por cerca de dez pessoas, enquanto o anel era martelado e anexado às narinas (Nevzorov, 2011, p. 56).

Inferre-se que dificuldades como a imposta pela colocação do instrumento em forma de anel, fizeram com que outras opções fossem exploradas tanto pelos sumérios, como por outras sociedades. Nesse sentido, destaca-se que diversos grupos humanos deram preferência à produção de embocaduras, cada uma com suas peculiaridades, ao longo de diferentes períodos. Inúmeros exemplos podem ser citados neste sentido.

Evidências arqueológicas apontam que no Egito, por exemplo, embocaduras já eram utilizadas desde pelo menos o Médio Império (2.555 – 1.550 a.C.). De acordo com Feldman e Sauvage (2010, p. 71), uma embocadura articulada, datada deste período, foi recuperada em El-Amarna. Esta possuía partes pontiagudas nas extremidades, voltadas para a face do animal, provavelmente impedindo a movimentação lateral da cabeça. Como comenta Cook (2006, p. 1), “com o aumento da severidade das embocaduras, seguiu-se

---

<sup>4</sup> O autor refere-se ao Estandarte de UR (2.500 a.C. - Suméria).

um longo período da história na qual as ajudas eram utilizadas com o intuito de forçar comandos, ao invés de indicar desejos<sup>5</sup>.

Em épocas posteriores, pode ser destacada, também a título de exemplo, a prática da montaria em cavalos durante a Idade do Bronze Tardia em áreas como o Mediterrâneo e Médio-Oriente. Em registros iconográficos produzidos pela civilização micênica (1.400 – 1050 a.C.), é possível observar cavaleiros montados, inclusive em cenas de batalha (Kelder, 2012, p. 16). Carruagens, carroças e carros de guerra puxados por cavalos, também permaneceram comuns durante todo o período. Em uma embocadura encontrada no sítio arqueológico de Tell el-Ajjul, próximo à região de Gaza, na Palestina, observou-se a presença de peças circulares laterais com protuberâncias pontiagudas, que supostamente impediriam que o cavalo fizesse movimentos laterais com a cabeça, mantendo-o sempre olhando para frente. É provável que tenha sido utilizado em carros de guerra, também como o modelo egípcio antes comentado (Littauer e Crouwel, 2001).

A produção de embocaduras e outros artefatos, como cabeçadas, selas e demais arreios, manteve-se constante ao longo da história da instrumentalização do cavalo. Tais artefatos parecem hoje inseparáveis da imagem do cavalo nas sociedades ocidentais. Na Idade Média, embocaduras com efeitos de “defesa” ou “ataque”, bem como “armaduras” e vestimentas de batalha para cavalos, eram comuns nos contextos europeus, tornando-se parte integrante da imagética do “cavaleiro medieval” (um arquétipo mantido, de certo modo, vivo até os dias de hoje, sendo frequentemente retratado nas mídias de massa contemporâneas). Destacam-se, neste contexto, o movimento das Cruzadas, sob o comando da Igreja Católica da Europa Ocidental que, entre os séculos XI e XIII, objetivou recuperar a Terra Santa (hoje território da Palestina) (Lima, 2015, p. 102). Segundo Lima, esse movimento capacitou o cavalo para a guerra, por meio de uma escola de equitação denominada “brida”, “voltada para o choque de carga, ou seja, o encontro frente a frente entre cavaleiros adornados por armaduras de ferro, além de lanças e escudo, montando cavalos grandes e pesados também protegidos por armaduras” (Lima, 2015, p. 102). Ainda no contexto das sociedades ocidentais, a partir de meados do século XV, da época do renascimento e posteriores, observam-se criações de embocaduras diferenciadas, que buscavam atender às mais diversas finalidades, e infligir uma gama maior de graus de severidade, a depender do objetivo a ser alcançado.

---

<sup>5</sup> Por “ajuda”, entende-se os comandos realizados pelo cavaleiro ou condutor, diretamente sobre o cavalo, ou com o auxílio de algum equipamento (como as rédeas, por exemplo), para obter do animal um movimento específico. Trata-se de um termo popularmente utilizado em diversas práticas esportivas.

A expansão colonizadora europeia, a partir do século XV, foi responsável por trazer os cavalos domesticados às Américas. Os animais e seus arreios, foram, em muitos casos, apropriados pelas populações nativas, que na época aprenderam a utilizá-los para guerra e locomoção. No século XIX, Ewers (1955, p. 76), traz o exemplo dos grupos das planícies dos EUA, como sendo “a melhor cavalaria do mundo”. Estes montavam apenas com uma corda solta, colocada ao redor da mandíbula inferior do cavalo, segurada com as mãos, como rédeas. No Brasil, destacam-se como cavaleiros/ caçadores os grupos Charrua, Minuano e Guarani. Os Charrua e os Guarani teriam se aproximado dos espanhóis no início do século XVI, enquanto os Minuano teriam tido seus primeiros contatos com o colonizador português, e com o cavalo, apenas no século XVII (Garcia e Milder, 2012, p. 47).

Em fins dos séculos XVIII, XIX e início do XX, observa-se ainda o uso de instrumentos que possuíam a intensão de controle por meio da severidade, como freios de diversos tipos. Em contrapartida, nota-se também uma tendência na fabricação de algumas embocaduras “mais suaves” para o animal, tornando-as de espessura mais grossa<sup>6</sup> (Nevzorov, 2011, p. 50). A partir de meados do século XX, os instrumentos anexados ao cavalo, em geral, têm seu design ainda mais simplificado, e tornam-se muito semelhantes aos hoje em uso. Intensões de “suavizar” ou “intensificar a severidade” mantiveram-se nos mais diversos modelos.

## 2. Registros escritos deixados pelas sociedades pré-contemporâneas sobre equitação, doma e treino de cavalos

Um dos mais antigos textos sobre treino e manejo de cavalos de que se tem notícia, data entre 1.375 e 1.335 a.C.; em escrita cuneiforme, é de autoria de Kikkuli (espécie de escudeiro do rei hitita Suppiluliuma). Trata-se de cinco tabletes em argila, recuperados nas escavações de Hugo Winckler no sítio de Boghaz-Koy, Anatólia, em 1906 (Faigan, 2015). O texto foca principalmente nos cuidados a serem dados aos cavalos puxadores de carros de guerra e de desfile do exército hitita, além de um programa de exercícios para os animais, com a duração de 184 dias. Para cada um destes dias é prescrita a quantidade de alimento, água, o número de exercícios e os períodos de descanso para o cavalo.

Em cerca de 430 a.C., são produzidas as obras de um dos mais influentes pensadores, ainda nos dias de hoje, para o manejo equino: o general grego Xenofonte. É

---

<sup>6</sup> Essa tendência já era discutida em séculos anteriores, como por Pluviniel (1625), porém não era, de modo geral, popular entre os praticantes de equitação.

inclusive de autoria de Xenofonte, uma das definições mais comumente utilizadas para o termo “equitação” ainda na atualidade: “a arte de montar o cavalo” (Xenofonte – cerca de 430 a.C. *apud* Randle et al., 2017, p. 58, tradução nossa)<sup>7</sup>. Pode-se dizer que seus pressupostos fundamentaram também as bases do esporte hoje conhecido como adestramento clássico, e na opinião de Boot e McGreevy (2013, p. 367, tradução nossa), “exemplificam as crenças errôneas que ainda persistem nas técnicas de treinamento contemporâneas (...). Por exemplo, encorajam o treinador a interpretar um comportamento indesejável como desobediência, justificando assim as punições”.

De acordo com Xenofonte, o cavaleiro deveria possuir tanto uma embocadura “suave”, quanto uma “severa”. A “suave” consistiria em um modelo em metal liso no bocal, composto por dois discos laterais. A “severa” teria discos mais pesados nas laterais, bem como partes pontiagudas. O uso desta embocadura severa atuaria mais ou menos como um equipamento que facilitaria a aceitação, pelo cavalo, da embocadura mais suave posteriormente. Assim o cavalo faria, com a embocadura suave, todos os exercícios que teria aprendido com a severa. É mencionado que não se deveriam dar puxões na boca do cavalo, a não ser que esse levantasse sua cabeça em desobediência (Boot e McGreevy, 2013, p. 370)<sup>8</sup>.

No século IV a.C., tem-se notícia dos escritos deixados por Chuang Tzu (também conhecido como Zhuangzi). O autor teria vivido durante os reinados de Hui de Liang e Xuan de Qi, no período entre 370 e 301 a.C., em Meng, China<sup>9</sup>. Sua obra, que em muito difere da de Xenofonte em diversos aspectos, trata sobre assuntos como a relação humano/cavalo, e sobre os malefícios do uso de embocaduras. De acordo com a análise

---

<sup>7</sup> Apesar desta ser a definição “tradicional” para o termo equitação, é importante destacar que hoje, pesquisadores como Randle e colaboradores, preferem descreve-la como “a arte e a ciência de montar o cavalo” (Randle et al., 2017, p. 58, tradução nossa). Por este motivo, têm-se um ramo da ciência hoje específico para tal, a “ciência da equitação”. Destaca-se ainda que são denominados de ginetes e amazonas os homens e mulheres praticantes de equitação de modo geral, respectivamente. Outros nomes específicos podem ser utilizados, considerando-se o universo de cada esporte ou atividade de montaria.

<sup>8</sup> Sobre este assunto, Tomassini comenta: “*não há dúvidas que as embocaduras do período machucavam os cavalos na boca. Sobre isso, o historiador Dio Chrysostom, que viveu entre os séculos I e II d.C., em seus Discursos (LXIII, 5), relata que um famoso pintor grego, Apelles (séc. IV a.C.), não conseguindo retratar realisticamente a boca de um cavalo com sangue e espuma, atirou uma esponja contra a pintura, atingindo assim o resultado desejado*” (Tomassini, 2013b. s/p, tradução nossa).

<sup>9</sup> Chuang Tzu, importante filósofo taoísta, crítico do confucionismo, é principalmente conhecido pela obra “Zhuangzi”, a ele atribuída, total ou parcialmente. Pode-se dizer, ademais, que os escritos de Chuang Tzu teriam sido posteriormente incorporados nos preceitos do zen budismo. Como aponta Merton, “*os herdeiros verdadeiros do pensamento e espírito de Chuang Tzu são os chineses zen budistas do período Tang (XVII ao X séculos d.C.). Mas Chuang Tzu continuou a exercer influência no pensamento cultural chinês como um todo, nunca deixando de ser reconhecido como um dos maiores pensadores e escritores do período clássico*” (Merton, 2004, p.2, tradução nossa).



de Nevzorov, o taoísmo de Chuang Tzu permitia “perceber as fortes e sutis conexões entre os seres vivos (...). Ele tentava descobrir como alguém poderia estar com um cavalo, ser um com o cavalo, e estar sobre o cavalo, não contra sua vontade, mas com seu consentimento” (Nevzorov, 2011, p. 9-14, tradução nossa).

*Po lo disse: “eu sou bom na lida com cavalos”. Ele anunciou, e então começou a marcar os cavalos, tosá-los, aparar seus pelos, colocar sobre eles martingais, equipamentos para atrelagem, os amarrar nos estábulos e cocheiras. E então, dois de seus três cavalos morreram. Ele não os alimentava corretamente, os fazia passar sede, os utilizava em corridas, os fazia exercitar-se exaustivamente. Os fazia ficar em filas, os forçando a correr lado a lado, e com a preocupação de estar sendo atormentado por uma embocadura, e de receber chicotadas terríveis (Chuang Tzu, Sessão IX – “Os cascos dos cavalos”, século IV a.C., s/p, tradução nossa).*

Em se tratando de contextos ocidentais, pode-se dizer que há pouquíssimos registros escritos voltados para doma e equitação, de que se tem conhecimento, até cerca da Idade Média. Por outro lado, nota-se menções sobre a figura do cavaleiro em si, ao menos em obras literárias da época. Nas canções de gesta, por exemplo (cujas origens remontam o século IX), tem-se a figura do cavaleiro como herói épico, vencedor de batalhas. A “Canção de Rolando<sup>10</sup>” (1086 d.C.) é considerada uma das primeiras a descrever os termos “cavaleiro”, “cavalaria” e “cortesia” (Marchello-Nizia, 1996, p. 143). Percebe-se o cavaleiro como poderoso, mas também como aquele que idealmente teria ações nobres.

Como literatura com função de instruir práticas equestres, destaca-se a obra atribuída ao rei Duarte I de Portugal (1391-1438), denominada “*Livro da ensinaça de bem cavalgar toda sella*”. Na publicação, o rei dá enfoque aos aspectos psicológicos do cavaleiro, sendo considerado como “as primeiras páginas da história de psicologia aplicada aos esportes equestres, e provavelmente, à pedagogia nos esportes de modo geral” (Pereira, 2009, p. 141). Segundo seus ensinamentos, “na equitação, como em todas as coisas que desejamos fazer, se o medo nos torna incapazes de fazê-las bem, primeiro aprenda a fazê-las melhor; se soubermos fazer melhor, perceberemos que normalmente a sabedoria faz a maior parte dos medos desaparecer” (Dom Duarte, 1438, p. 45).

Ainda de acordo com Dom Duarte, o cavalo era um símbolo de status, que distinguiria os homens nobres dos não nobres (Dias, 1997, p. 21). Em outras palavras, os

---

<sup>10</sup> *Chanson de Roland*.

cavalos eram tanto símbolos de prestígio, como sinônimos de um modelo de masculinidade, que tinha poder sobre a animalidade. O cavaleiro deveria ter “vontade, meios econômicos para comprar bons cavalos e cuidar deles propriamente, e conhecimento para escolher os melhores animais, exaltar seus méritos e corrigir seus defeitos” (Tomassini, 2017, s/p, tradução nossa).

Mais tarde, com a retomada de valores da antiguidade clássica na época do renascimento, observa-se um retorno à aplicação das teorias de Xenofonte na equitação. Cria-se o conceito de “Haute École” (“Alta Escola”), principalmente voltado ao adestramento. Buscava-se então aperfeiçoar os andaduras naturais do cavalo, e criar uma série de movimentos a serem executados pelo conjunto cavalo/ cavaleiro com “harmonia e exatidão” (segundo seus parâmetros)<sup>11</sup>. Pode-se dizer que a história da Haute École tem início em 1550, quando Federico Grisone publica a obra “Regras para Equitação”<sup>12</sup> (Scamuzzi, 2016, p. 358). Na época, o autor caracteriza o cavalo como um ser capaz de raciocínio e reflexão, e atribui sua resistência à obediência humana como “má vontade”. A princípio, Grisone prega que o animal deveria ser tratado com paciência e suavidade, dando-se o tempo necessário à sua evolução no aprendizado. Entretanto, caso o cavalo resistisse aos comandos demasiadamente (mais tempo do que o esperado, em seu conceito), deveriam ser aplicados castigos físicos e psicológicos, pois o cavalo estaria sendo “maldoso”, “vagabundo” ou “indomável”. Os castigos físicos poderiam envolver pancadas com vara na cabeça e entre os olhos. Também poderiam envolver a “tortura” de outros animais, como gatos:

*posicione um homem atrás do cavalo. Amarre um gato com cordas a uma vara, com a barriga para cima. O Gato deve ser amarrado de modo que seus dentes e garras estejam livres. O homem deve segurar a vara com o gato e posicioná-la nas pernas do cavalo por trás, para que o gato o morda e arranhe o quanto quiser – escreveu Grisone. Todo esse horror servia para conseguir que o cavalo posicionasse suas patas traseiras abaixo de seu centro de massa, para que o conjunto cavalo/ cavaleiro tivesse maior equilíbrio (Nevzorov, 2011, p. 209, tradução nossa).*

<sup>11</sup> Ao longo dos séculos XVI e XIX são criadas diversas escolas nesta tradição, tais como a de Versalhes, a Escola Espanhola (localizada em Viena), a Escola Francesa de Saumur, entre muitas outras. De acordo com Nevzorov, o valor de um cavalo treinado desta forma sempre foi altíssimo, e ao contrário da crença popular, os movimentos trabalhados na Haute École nunca foram desenvolvidos para a guerra ou combates, mas sim para serem exibidos em paradas e como forma de demonstrar um manejo e treinamento de excelência (Nevzorov, 2011, p. 50).

<sup>12</sup> “Gli Ordini di Cavalcare”.

Castigos psicológicos envolviam recriminações verbais e gritos. Quando o cavalo finalmente obedecia, Grisone preconizava que os carinhos deveriam voltar, e assim o cavalo seria recompensado.

Desde a publicação de Grisone, diversas outras sobre o tema passaram a ser produzidas na Europa, destacando-se, em um primeiro momento, os trabalhos italianos. Em 1556, por exemplo, tem-se a publicação de Cesare Fiaschi, “Tratado sobre a Colocação de Embocaduras e Ferrageamento em Cavalos<sup>13</sup>”. Seus escritos trazem descrições de diversas práticas de manejo, e instruções para embocaduras e para o ferrageamento (Simons, 2001, p. 23). Em contrapartida, outra publicação, do italiano Claudio Corte (1562 - “O Cavaleiro<sup>14</sup>”), destaca-se por dedicar um capítulo inteiro (capítulo 63 – vol. II) ao “modo de montar um cavalo sem ajuda das rédeas e bardela”, explicando como, através de treinamentos progressivos, um cavalo poderia ser treinado a obedecer somente com ajudas das pernas e do assento do cavaleiro, conseguindo assim uma boa performance em exercícios complexos, mesmo sem o auxílio da embocadura (Tomassini, 2013a). Esta publicação é conhecida como uma das primeiras a tratar de uma equitação *bitless* (sem embocadura), no contexto da sociedade ocidental – um tema hoje bastante discutido por grupos que buscam modos mais éticos na prática da montaria.

O Veneziano Marco de Pavari também publica um livro sobre o tema, no ano de 1581. Bem menos popular do que o de Grisone, o “Escuderia de M. Pavari, o Veneziano<sup>15</sup>”, tem como um de seus aspectos mais interessantes os capítulos que dedica à reabilitação de cavalos, que teriam se tornado resistentes ou “rebeldes” por terem sofrido maus-tratos (na concepção da época, como “maus-tratos” entendia-se principalmente a violência física).

*A gentileza ganha muito mais do que o desespero: o que você também pode comprovar como verdade. O desespero leva os cavalos a fazer todas essas maldades, e não a gentileza. Ao contrário, a gentileza mitiga-os, e os leva, eles mesmos, a serem gentis (De Pavari, 1581, p. 31, tradução nossa).*

De Pavari também focava na prevenção de “traumas” desde o início da doma, para que o cavalo estivesse sempre disponível ao homem. Recomendava, por exemplo, que fosse colocado ao lado de um cavalo a ser domado, um cavalo mais experiente, para auxiliá-lo em seu aprendizado. As palavras de Pavari, em muito, parecem ressoar como

<sup>13</sup> “Trattato dell'imbrigliare, atteggiare e ferrare cavalli”.

<sup>14</sup> “Il Cavallarizzo”.

<sup>15</sup> “Escuirie de M. de Pavari Venitien”.

contemporâneas, principalmente quando esse autor, do século XVI, recomenda que “não fosse curado um trauma com outro trauma”.

*Por exemplo, ele diz: quando um cavalo tem a tendência de escapar da ação da embocadura, isso geralmente acontece devido a abusos por ele sofridos, de um cavaleiro com mão pesada e inexperiente. Neste caso, ao invés de segurar com força as rédeas, o cavaleiro deveria ceder, ou seja, “aliviar a força das mãos um pouco, e então apertá-las um pouco do mesmo modo, para que o cavalo perca sua má vontade, e pare” (De Pavari, 1581, p. 31 apud Tomassini, 2014, s/p, tradução nossa).*

O autor também sugere outras correções não violentas, como colocar o cavalo para cavalgar em círculo, ou utilizar-se de distrações, como comida (espécie de “associação positiva”, ou um antigo método de “contracondicionamento”). Também ressoam “modernas” suas correções que extinguiriam o uso de embocaduras, barrigueiras muito apertadas, ou esporas.

Seguindo a linha de Pavari, no ano de 1606, Giovanni de Gamboa publica “A razão da Arte de Cavalgar<sup>16</sup>”. Em conjunto com a de Pavari, sua obra é conhecida por ser uma das mais antigas publicações voltadas a uma espécie de “doma sem punições”. Gamboa enfatizava o que considerava práticas de gentileza para com o animal:

*o cavalo jovem deve ser montado muito vagarosamente, com muitas carícias, evitando-se bater nele, para que ele não se desencoraje ou se rebele, pois ele não compreende a vontade humana, ou sua raiva, considerada pelo cavalo como uma ofensa. Você deve montá-lo com habilidade e paciência, para assegurá-lo, e fazer com que ele concorde finalmente a deixar que você o monte (De Gamboa, 1606, p. 56, tradução nossa).*

O autor afirmava que a resistência ou atitude defensiva do cavalo poderia ter sua origem no cansaço ou fraqueza, e preconizava que todas as razões para tal deveriam ser compreendidas, para que as correções fossem eficazes. Estas correções nunca deveriam ser violentas, mas deveriam procurar tornar o cavalo ainda mais calmo. Para tanto, o autor apresenta diversos tipos de exercícios. A publicação de Gamboa pode ser considerada um tanto inovadora para a época, e um marco histórico no treinamento natural e não violento de cavalos, ao lado da obra de Pavari.

De qualquer modo, a publicação anterior, de Grisone, com suas “correções violentas” (“Regras para Equitação”) tornou-se muito popular na Europa, sendo traduzida

---

<sup>16</sup> “La Raggione dell’Arte di Cavalcare”.

em diversos idiomas. Como resposta a seus métodos cruéis, certos autores buscaram criar práticas nas quais a punição não era algo desejável, porém por vezes, necessária (diferentemente do que pregavam Pavari e Gamboa). Dentre estes está o francês Antoine de Pluviniel, instrutor de equitação do rei Luís XIII. Em seu livro “Instruções do Rei na Arte de Montar o Cavalo<sup>17</sup>”, publicado em 1629, lê-se:

*se for possível prosseguir sem punições, você não deve bater no cavalo, no início, no meio, ou no final do treinamento. É melhor que o treinamento seja realizado com doçura, se possível, do que com rigor. O cavalo que trabalha com prazer demonstra muito mais graciosidade do que aquele que é compelido pela força (Pluviniel, 1625, p. 24, tradução nossa).*

Em 1658, William Cavendish, Duque de Newcastle, oficial da cavalaria real, e instrutor de equitação do príncipe de Gales, também publica suas contribuições sobre o assunto. Ao ter contato com as teorias da Haute École na França, escreve, originalmente em francês, o “Novo Método para Treinar Cavalos<sup>18</sup>”. São enfatizadas a compreensão e a paciência no treinamento, sendo que o autor posiciona-se, de modo geral, contra a coerção (a maior parte das “correções” deveria ser feita apenas com o uso da voz) (Simons, 2001, p. 54). Entretanto, aplicava também alguns métodos controversos, como amarrar porcos-espinhos à cauda do cavalo, com o intuito de fazê-los apoiar a pata de trás sobre seu centro de massa ao movimentar-se, buscando um melhor equilíbrio do conjunto cavalo/ cavaleiro (Nevzorov, 2011, p. 45).

Ao longo do século XVIII, duas grandes potências europeias, a Inglaterra e a França, passaram a enfatizar seus diferentes modos de montaria. A “equitação inglesa” provou ser, ao longo do tempo, mais popular. No século XIX, o estilo de equipar o cavalo, de se vestir e de se portar, baseado nos padrões ingleses, espalhava-se pela Europa e pelos países colonizados. A Inglaterra foi capaz de oferecer ao mundo padrões “mais democráticos e acessíveis de equitação”, em comparação à Alta Escola (Nevzorov, 2011, p. 67). Não somente os nobres, mas também a burguesia, começa então a adentrar o universo da equitação de maneira mais enfática.

Dentre as obras mais populares do século XIX sobre práticas de treinamento e equitação, estão por exemplo as de François Baucher, Gustav Steinbrecht, Federico Caprilli, e Alexis L’Hotte. Em comum, podemos dizer que, desde os escritos de Dom Duarte, no século XIV, até o século XIX, quase que a totalidade das publicações voltadas

<sup>17</sup> “L’Instruction du Roy en L’Exercice de Monter à Cheval”

<sup>18</sup> “Méthode Nouvelle pour Dresser les Chevaux”

ao tema baseavam-se em como o homem deveria se relacionar e/ ou dominar o cavalo; muito raramente eram realizadas menções a mulheres– como se estas não fizessem parte deste contexto. Os cavaleiros, os treinadores, os tratadores, mencionados nas obras aqui citadas, de modo geral, eram figuras masculinas. Ao ler estas obras, tem-se a impressão de que todo o universo equestre era um universo masculino *per se*; ao menos no que se tratava de uma “equitação séria”. Instruções de doma, treinamento e tratamento nunca eram direcionadas às mulheres. Entretanto, encontram-se algumas poucas instruções de montaria para mulheres em escritos como os de Fillis (1890), por exemplo. A equitação feminina, porém, era considerada de modo geral apenas como um passatempo quase que infantil, como será comentado a seguir.

Nas obras literárias do século XIX, é possível encontrar alguns indícios dos mecanismos sociais que mantinham esta separação entre a equitação séria dos homens, e sua superioridade sobre mulheres, crianças e animais. No romance de Anna Sewell, “Diamante Negro – A História de um Cavalo”<sup>19</sup>, de 1877 por exemplo, tem-se uma tentativa de traçar um paralelo entre o tratamento opressivo dado aos cavalos e às mulheres na era vitoriana. De acordo com Dorré, foi encontrado dentre os documentos produzidos pela própria autora, após sua morte por uma doença crônica, a seguinte nota:

*Eu estive por seis anos confinada a andar de outros locais da casa até o sofá, e sempre que possível, estive escrevendo o que eu penso que se tornará um pequeno livro, cujo objetivo principal é induzir a bondade, a empatia, e a compreensão no tratamento com cavalos (Sewell apud Dorré, 2012, p.157, tradução nossa).*

O protagonista deste livro, um cavalo, detalha desde sua perspectiva, como foi criado em uma fazenda no interior, e como na vida adulta foi sujeito a inúmeras situações de maus-tratos, passando a trabalhar como puxador de carroça, até sua libertação final. Descreve também que um de seus amigos, “Ginger”, é espancado até a morte por não conseguir puxar sua carroça. Os tipos de tortura psicológica e física sofridos pelos cavalos, funcionariam na obra como uma metáfora ao que estavam expostas as mulheres vitorianas (Savvides, 2011, p.62). Ressalta-se que o romance de Sewell foi primordial para o banimento de um instrumento conhecido como “rédea de rolamento”, no ano de 1911. Este restringia o movimento da cabeça do cavalo, levando a inúmeros problemas físicos, ocasionando diversas mortes prematuras. A dominação física promovida por este artefato pode ser considerada como similar à restrição física dos corsets (espartilhos) (Dorré, 2020;

---

<sup>19</sup> Título original: “*Black Beauty: His Grooms and Companions, the Autobiography of a Horse*”; em Portugal, “*O Cavalo Preto*”.

Savvides, 2011)<sup>20</sup>. "Ambos os instrumentos criavam corpos que teriam uma performance cultural específica quando moldados. Como resultado destes moldes, os corpos de mulheres e equinos tornavam-se ambos culturalmente úteis e 'seguros'" (Savvides, 2011, p.63, tradução nossa). Ainda de acordo com Jardim (2013, p.4), "a ideia de constrição do tronco por meio do corset (...) também pode ser relacionada a uma medida disciplinar, domesticadora da mulher por meio da domesticação de seu corpo".

Em fins do século XIX, destaca-se o nome do inglês James Fillis (1834–1913), como comentado, no campo das instruções de treinamento e montaria. Sua principal obra, datada de 1890, recebeu o sugestivo nome de "Quebrando e Montando"<sup>21</sup> (sendo que o termo para "doma" em inglês, é o mesmo para "quebrar" (*break*)). A publicação tornou-se popular na época, principalmente por dedicar algumas páginas à educação das mulheres na equitação, estabelecendo como deveria ser seu assento e condução. As mulheres deveriam sentar-se lateralmente, o que as diferenciaria dos cavaleiros. Estes, por sua vez, estariam mais aptos ao total controle do animal, sendo capazes de conduzi-los em uma frente de batalha. Em suas palavras, as mulheres teriam "coxas arredondadas e fracas, e nunca poderiam desenvolver um assento firme na sela" (Fillis *apud* Landry, 2001, p. 165). Aspectos de "decência e elegância" também estariam envolvidos.

Quanto ao tratamento dado aos animais, Fillis, mimetizando a crueldade de Grisone, afirmava que quando um cavalo "merecia" uma punição, ele deveria recebe-la com "um grau de severidade proporcional à ofensa". Segundo o autor, "de fato, devemos tratar os cavalos como tratamos as crianças (...) se a punição não é dada no momento preciso do erro, vai perder seu efeito, e vai ser um elemento de confusão na mente do animal" (Fillis, 1890, p. 8, tradução nossa). Fillis era também um entusiasta do uso de esporas e de castigos físicos que poderiam incluir queimaduras com fogo.

*O cavaleiro deve golpear o cavalo com as esporas como baquetas em um tambor. Nenhum cavalo pode aguentar uma torrente de esporadas próxima à barrigueira. Se você não consegue usar as esporas corretamente, então use um chicote ou vara, ou chame alguém para segurar a vara, ou faça com que o cavalo seja queimado com fogo. Quando o cavalo*

---

<sup>20</sup> A palavra *corset*, de acordo com Jardim (2014, p. 5), é proveniente do inglês e do francês (em forma escrita idêntica). Na Europa, é denominada por variações como *corsé*, em espanhol, *corsetto*, em italiano, ou *korsett*, em alemão. O termo "espartilho" foi adotado em português, devido à uma particularidade da confecção em Portugal, que utilizava folhas de esparto. Entretanto, a nomenclatura hoje adotada, a fim de evitar confusões com peças de outras épocas, é também o termo *corset*, para textos em português. De modo geral, pode-se dizer que o *corset* é "uma espécie de 'cinto' que 'refecha' o tronco e a cintura das mulheres, confeccionado com barbatanas de baleia – 'baleinée' –, material tradicional empregado até o século XIX (...). Já os ingleses destacam que tal vestimenta deve ser utilizada por dentro da roupa, que seu ajuste deve ser apertado – 'tightly fitting' –, que ele deve moldar o corpo, provendo suporte" (Jardim, 2014, p. 6).

<sup>21</sup> "Breaking and Riding".

*começa se tornar obstinado, eu mesmo geralmente fortemente, rudemente, mas com consciência, o castigo (...). Quando um cavalo começa a desobedecer, o cavaleiro deve atacar com toda a força (Fillis, 1890, apud Nevzorov, 2011, p. 213, tradução nossa).*

Desta forma, percebe-se a supremacia do homem cavaleiro, frente a “fraqueza” das mulheres, e a “insolência” dos cavalos, que poderiam ser comparados a crianças malcriadas. O arquétipo do “cavaleiro”, masculino, poderoso e forte, permanece popular ao longo do século seguinte, quando ganha, porém, outras roupagens.

Pode-se dizer que em meados do XX, torna-se bem mais clara a diferenciação entre uma equitação “clássica” (salto, adestramento, cross-country), de uma equitação “popular”. O imaginário do “cowboy americano”, impulsionado por filmes hollywoodianos, influenciou movimentos autodenominados “country”, voltados ao mundo rural, com suas vestimentas e músicas típicas, além de métodos de doma e equitação próprios. Manuais de equitação clássicos perdem a força dentre estes grupos.

*A imagem do cavaleiro é a própria essência do “American way of life”. A liberdade de ação do vaqueiro montado no seu cavalo encontra grande ressonância entre os americanos, cuja identidade cultural está muito ligada aos direitos de liberdade do indivíduo. O caubói representa o domínio da imensidão da natureza e das incertezas do destino por um cavaleiro destemido que, com um revólver na mão e um senso de justiça na cabeça, escreve o roteiro da sua vida como ele acha que deve ser escrito (Rink, 2008, p. 89).*

Depois da II Guerra Mundial, o cavalo e a equitação vão perdendo lentamente espaço na vida cotidiana de modo geral, principalmente pelo advento dos transportes e sua crescente popularidade e acessibilidade. Cavalos vão passando a ser animais para fins muito específicos, e tornam-se cada vez mais incomuns nas cidades, principalmente nas mais desenvolvidas economicamente. Este aspecto fez com que, cada vez mais, se consolidasse no ocidente uma imagem hollywoodiana do cavalo – seja por meio do arquétipo do cowboy, ou por meio do arquétipo do cavaleiro medieval – ambos modelos masculinos de poder e força.

De acordo com Nevzorov (2011, p. 48), no final do século XX se deu início a um movimento que buscava refutar as bases teóricas da equitação clássica e do trabalho com cavalos de modo geral, retomando e readaptando práticas como a montaria sem embocadura, e métodos de treinamento mais gentis ao cavalo, de modo mais enfático.



Esse movimento vem ganhando força no século XXI, em conjunto com as crescentes preocupações com o bem-estar animal.

### 3. O Conceito de Bem-Estar animal

Há de se considerar que a interação cavalo/ humano gera grandes impactos físicos, fisiológicos e psicológicos ao animal (Randle et al., 2017, p. 58). De modo geral, pode-se dizer que é comum que as pessoas que lidam com cavalos antropomorfizem essa relação. De acordo com Kiley-Worthington e Lea (1996), essa antropomorfização pode ser construtiva e benéfica até certo ponto, porém, não há como estabelecer parâmetros de bem-estar animal cientificamente, a não ser pelo estudo específico da etologia de cada espécie (Randle et al., 2017, p. 58).

O conceito de bem-estar animal está intimamente ligado à qualidade de vida. Dentro deste conceito, podem ser incluídos aspectos como, por exemplo, a saúde, a felicidade e a longevidade, além da capacidade de adaptação do animal a seu meio ambiente, sua relação com outros seres vivos, e a demonstração de comportamentos típicos (Broom, 1986; Tannenbaum, 1991). Um dos mais conhecidos exemplos de tentativa de conceituação de bem-estar animal é o das “Cinco Liberdades”. Preconizada pelo professor John Webster, e divulgada pelo Farm Animal Welfare Council (FAWC, 1993), a ideia das cinco liberdades ditava que um animal deveria ser “livre de fome e de sede; livre de desconforto; livre de dor, lesões ou doença; livre para expressar os seus comportamentos normais; livre de medo e aflição” (Câmara e Silva, 2011, p. 31). Entretanto, de modo geral, o conceito de bem-estar animal ainda é bastante debatido na atualidade, estando longe de ser um consenso dentro a comunidade científica (Pizutto et al., 2009, p. 129). Não há consenso, tampouco, no estabelecimento de parâmetros para medir o bem-estar. Hoje, alguns cientistas, por exemplo, se valem da medição hormonal para avaliar se um animal está livre de estresse. Outras aferições podem envolver a avaliação da frequência cardíaca, temperatura corporal e frequência respiratória, além da observação de alterações comportamentais.

Mellor e Beausoleil (2017, p. 3), ressaltam que ao analisar o bem-estar de um animal, deve-se ter em mente que este é um estado subjetivo. A experiência de bem-estar estaria integrada a respostas sensoriais e estímulos neurais. Estes impulsos sensoriais, que refletem as funções internas do animal, e as respostas às circunstâncias externas às quais está sendo submetido, são processados e interpretados pelo cérebro de acordo com sua natureza espécie-específica e individual, além de suas experiências passadas. O resultado

subjetivo integrado deste processamento neural representaria a experiência presente de um animal; ou seja, seu grau de bem-estar no momento.

Já Heleskia e Anthony (2012) chamam a atenção para a inclusão de uma visão ética de bem-estar. Segundo os mesmos, é comum, nas ciências voltadas aos animais, e mesmo nas atividades industriais que lidam com animais, que “as políticas devam ser baseadas na ciência. A implicação aqui é que considerações éticas seriam emocionais, ou meramente uma questão de opinião, e, portanto, sem mérito, enquanto a ciência seria racional, objetiva e livre de valores” (Heleskia e Anthony, 2012, p. 170, tradução nossa). “Nós não vivemos mais em uma era na qual a falta de evidência científica é suficiente para continuidade de práticas questionáveis” (Heleskia e Anthony, 2012, p. 177, tradução nossa). Desta forma, por práticas éticas entende-se a consideração dos fatos científicos, sobre uma ótica que seja capaz de justificar um dado posicionamento, que busca idealmente não ser moralmente arbitrário.

*Espera-se que possa ser compreendido que a ética, os valores e as diferentes visões sobre o bem-estar animal, em conjunção com a ciência, moldam o pensamento ético sobre o que se deseja proteger ou promover (...); que se possa raciocinar cuidadosamente sobre a dificuldade que existe, em tomar decisões que possam colidir interesses humanos com os interesses dos animais (Heleskia e Anthony, 2012, p. 172, tradução nossa).*

O bem-estar equino, especificamente, tem sido alvo de discussões internacionais, denotando um crescente interesse da comunidade científica, treinadores, tratadores, proprietários, adestradores, condutores e ginetes e amazonas. Consequentemente, novos códigos e conjuntos de normas, para garantir práticas éticas na lida com cavalos, vêm surgindo a cada dia, como por exemplo práticas para o transporte (Padalino et al., 2016); estabulagem (Dalla Costa et al., 2016); competições (Williams e Randle, 2017), etc.

Entretanto, infelizmente a preocupação com o bem-estar dos cavalos, sejam os de esporte, lazer ou trabalho, ainda não é uma realidade absoluta. Nas comunidades equestres de modo geral, ainda são infelizmente observados em alguns contextos, o desconhecimento da fisiologia e do comportamento equino; o mau uso dos equipamentos voltados à prática da equitação, trabalho ou atrelagem; o desconhecimento de técnicas éticas de doma e treinamento; a manutenção de tradições locais consideradas importantes (e por vezes cruéis); e a resistência a novos modos de lidar com os animais, entre outros fatores que impactam diretamente em seu bem-estar.

#### 4. Métodos de Doma da Atualidade - A Doma Tradicional

A doma tradicional compreende uma série de ações realizadas para que o cavalo se submeta ao comando humano. Nos Estados Unidos, é denominada de “quebrar o cavalo<sup>22</sup>”, como mencionado, tendo sido, de modo geral, o principal tipo de doma praticada até fins do século XX (Roberts, 1996). No Brasil, possui diversas características específicas de acordo com a região. Um dos métodos mais conhecidos e difundidos é o da “doma gaúcha” (ou “campeira”), ainda praticada na atualidade, principalmente nas zonas rurais.

*Quebrar o cavalo tem sido uma técnica associada à força, bravura, e coragem. Foi um símbolo de machismo na Ilíada de Homero, bem como no Velho Oeste Americano; o mesmo ainda é verdadeiro hoje em dia. Um domador tradicional personifica a dominância dos humanos sobre as outras espécies. Neste contexto, não é de se surpreender quando este tipo de doma é preferível a métodos mais gentis (Farmer-Dougan e Dougan, 1999, p.143, tradução nossa).*

Geralmente, entende-se que este tipo de doma divide-se em duas etapas: a “doma de baixo”, que consiste em forçar o cavalo a aceitar o cabresto e o contato humano (permitir que seja escovado e higienizado), e a “doma de cima”, que procura forçar o animal a aceitar os arreios de montaria, além do humano em seu dorso.

A aplicação de punições diversas é o cerne deste tipo de doma. É comum que o cavalo, forçado a aceitar os equipamentos e o próprio humano, reaja com agressividade, tentando se livrar dos mesmos. Seu comportamento natural não é respeitado, nem tampouco há, de modo geral, uma preocupação com seu estado psicológico (e até mesmo físico em alguns casos). Esporas, chicotes e cordas, utilizados com a intensão de dominar o animal pela dor, figuram como instrumentos comuns neste tipo de prática. Geralmente o cavalo é levado à exaustão, a fim de fazer com ele aceite os comandos dados pelo treinador. O processo pode incluir atividades como laçar o cavalo, puxar seu pescoço com cordas de um lado para o outro, amarrar suas pernas (“maneio”), derrubá-lo no chão para submetê-lo à força humana, “quebrar o queixo” (“doma de bocal”), entre outras atitudes que violam preceitos básicos de bem-estar animal.

---

<sup>22</sup> “Break the horse”.

Este tipo de doma hoje, de modo geral, é geralmente refutado pelos autores e pesquisadores voltados para a prática da equitação da atualidade. Farmer-Dougan e Dougan (1999), e Greindl (2014, p. 12), descrevem que a utilização de tais métodos tradicionais podem levar o animal ao desamparo aprendido. Entende-se como desamparo aprendido,

*um comportamento em que um organismo forçado a suportar estímulos aversivos, dolorosos ou desagradáveis se torna incapaz de evitar (ou não deseja evitar) encontros posteriores com tais estímulos, mesmo que seja possível evitá-los. Presumivelmente, o organismo aprendeu que não pode controlar a situação e, portanto, não toma ações para evitar o estímulo negativo. A teoria do desamparo aprendido é a visão de que a depressão clínica e doenças mentais podem resultar de uma falta de controle percebida sobre o resultado de uma situação. Os organismos que tenham sido ineficazes e menos sensíveis na determinação das consequências do seu comportamento são definidos como tendo adquirido o desamparo aprendido (Hunziker, 1997, p. 17).*

No caso desse tipo de doma tradicional, há a constante aplicação de estímulos aversivos, por meio de surras e maus-tratos, enquanto o animal está amarrado, e não pode fugir. “Nas palavras de um domador tradicional, um cavalo somente está pronto para montar quando não resiste mais. De uma perspectiva comportamental, portanto, o cavalo estaria pronto para montar quando o desamparo aprendido fosse atingido” (Farmer-Dougan e Dougan, 1999, p.144, tradução nossa).

Lima (2015) estudou as etapas e procedimentos da doma gaúcha. Segundo o autor, esta técnica foi se adaptando de acordo com a conformação sociocultural, geográfica e biológica da pecuária. Os cavalos são domados principalmente para as lidas pastoris, para deslocamento e para jogos de corrida em canchas retas, os chamados “cavalos de carreira”, além da competição em eventos (como as provas de “freio-de-ouro”, ou “gineteadas”). Em alguns casos, a doma é realizada nas “cabanas” – estabelecimentos tradicionais que também prestam serviços de hospedagem para cavalos.

A doma gaúcha insere-se em uma gama de tradições equestres no contexto da “Escola de Equitação Gaúcha”, que se constituiu a partir da integração da “Equitação Ibérica” (vinda com os europeus, e voltada para as práticas de guerra) com técnicas desenvolvidas pelos indígenas locais (charruas e minuanos e missioneiros) (Lima, 2015, p. 102).

*Dos charruas e dos minuanos herdaram os gaúchos o governo do cavalo, com o bocal de guasca sovada passado nas rédeas, durante os primeiros repasses do potro, isto é, durante a*

*fase em que é ele redomão, metendose-lhe mais tarde o freio, depois do animal governar bem com as rédeas, munidas do dito bocal. Sistema de governar este que difere do trazido pelos europeus, portugueses e espanhóis, em que estes domavam de bridão, torneando o animal por meio de cada uma das canas da rédea de per se, não o habituando a governar para os lados, senão dessa maneira, aliás difícil, ao passo que, com o governo deixado pelos ditos índios, o cavalo cede finalmente para qualquer dos lados com as duas canas das rédeas unidas. É o sistema sul-rio-grandense e platino (Jacques, 1912, p.26-27, apud Lima, 2015, p. 102).*

Ainda de acordo com Lima, Charles Darwin descreveu a doma gaúcha como um método “extremamente severo”, ao observá-la em sua passagem, no início do século XIX, por uma Estância no Berquelo, próximo à Mercedes, no Uruguai.

*Durante essa operação, o cavalo, assustado e surpreso por ser assim amarrado pela cintura, atira-se no chão várias vezes até que, cansado, recusa-se a se erguer. Finalmente, quando o encilhamento está completo, o pobre animal mal consegue respirar de medo e está coberto de suor e espuma branca. O homem agora se prepara para montar, apertando fortemente os estribos para que o cavalo não perca seu equilíbrio. No momento em que ele lança sua perna sobre o lombo do animal, puxa o nó corrediço, soltando as patas dianteiras da besta, que fica livre (...). O cavalo, transfigurado pelo terror, dá os mais violentos saltos e então parte em disparada. Assim que o animal atinge a exaustão, o homem, com paciência, o traz de volta ao curral, onde, esfumaçando de calor e quase morta, a pobre criatura é libertada. Esse processo é tremendamente severo, mas após duas ou três vezes o cavalo está domado (Darwin, 1937, p. 183- 184 apud Lima, 2015, p. 112-113).*

Devido a influências das técnicas de doma racional, em algumas localidades deu-se início a uma doma “mista” – ou seja, uma doma que procura mesclar atitudes das domas tradicional e racional. Um processo curioso, já que geralmente se inicia de modo a respeitar o estado psicológico do cavalo, e procurar uma aproximação gentil, porém que se desenvolve, após estes primeiros momentos, de modo a utilizar-se ainda de métodos agressivos e potencialmente dolorosos. De acordo com Lima, um destes processos, por ele observado, incluía etapas como “amanunciação”, “puxar do queixo”, “primeiros galopes” e “iniciação do freio”. Amanunciar (ou “amansar de baixo”) englobaria a etapa inicial da doma, que inclui métodos da doma racional, como o “join up”.

*Antigamente não eram realizado esse trabalho de amanunciar, ou seja, o potro era pego “xucro” (...) o que demandava muito mais força e violência (...). As técnicas das doma “ditas racionais” exploram este momento de iniciação do potro: O cavalo é trazido para*

*dentro de um pequeno curral e o domador, com o buçal na mão, busca se aproximar. O cavalo foge e fica correndo em torno das tabuas da mangueira enquanto o domador acompanha seus movimentos caminhando atrás. Na técnica da doma racional o artífice domador atira uma corda por trás do potro fazendo-o correr em disparada. Em certo momento o cavalo começa a dar um sinal que é baixar e subir a cabeça e começar a lambe os beiços. Nesse momento, o domador se aproxima do cavalo mostrando as costas. O animal, aos poucos vai permitindo a aproximação do campeiro que, por fim, se aproxima acariciando a sua testa e colocando a corda no focinho para o cavalo cheirá-lo, pois este conhece algo pelo cheiro. Após isso, o domador, lentamente e com calma, coloca a corda no pescoço do potro e depois de acostumá-lo com a corda, coloca o buçal. Segundo os domadores, quando o cavalo permite que se acaricie a testa com a mão, significa que permitiu iniciar a comunicação. Por conseguinte, o processo de toque da mão no corpo do animal, chamado “palmear o potro” inicia na cabeça, vai ao pescoço, ao corpo, chegando às patas traseiras. O domador, inicialmente, vai palmeando o potro segurando pelo buçal, pois o animal não está sensível ao toque (Lima, 2015, p. 114-125).*

Após esta etapa, os processos desta doma mista tomam mais ou menos os mesmos rumos de uma doma tradicional, com imposições de ações dolorosas ao cavalo. Segue-se então “puxando do queixo”, ou seja, introduzindo o “bocal”, espécie de uma tira de couro, com três centímetros de largura, que é atada ao queixo dos potros. Ao bocal são atadas as rédeas, que se cruzam atrás da garupa, e são puxadas, por domadores, “direcionando o queixo na direção do peito, dando um ‘tirão’ único até este ‘patear’ (agitar as patas), que significa dizer que está demonstrando que está doendo, ou seja, ele “sentiu” (Lima, 2015, p. 115). Este processo é repetido por ao menos três vezes de cada lado, “ou seja, depois de dado os três tirões, vira – se o cavalo e puxa-se mais três” (Lima, 2015, p. 115). O objetivo deste ato seria tornar a animal “sensível de boca”, para que quando montado, ele atenda ao domador. A terceira etapa consiste na montaria em si, também denominada como “primeiro galope”. O cavaleiro monta no animal, que já está com os arreios. Este, descostumado com tal atitude, costuma corcovear. O domador permanecer em cima do cavalo, como prova de superioridade. Ele é geralmente auxiliado por um “amadrinhador”, que o acompanha montado em um outro cavalo. Finalmente, chega-se à etapa final, o “enfrenamento”, quando é introduzido o freio na boca do cavalo, no lugar do bocal (Lima, 2015, p. 114-125).

#### 4.1. Doma Racional

Este tipo de doma também é conhecido por nomes como “manejo natural do cavalo”, “doma western”, “doma progressiva”, “doma psicológica”, “doma etológica”, ou “doma natural”. No Brasil, é por vezes popularmente nomeada também de “doma americana” ou “doma paulista”, devido à sua popularidade ter se consolidado, em um primeiro momento, dentre os habitantes deste estado. Seus preceitos, de modo geral, indicam que o cavalo deve ser iniciado no treinamento equestre sendo respeitado seu comportamento natural, sem a utilização de nenhum método violento, ou capaz de infringir dor ao mesmo. Tem ligação direta com os métodos de treinamento baseados em *horsemanship* natural, que se fundamentam nos mesmos princípios<sup>23</sup> (Birke, 2008, p. 107).

A metodologia da doma racional em si pode incluir diversas etapas, assim como a doma tradicional. De modo geral, pode-se dizer que o aprendizado do cavalo deverá respeitar seu ciclo de desenvolvimento (desde o nascimento até a idade adulta). Os primeiros contatos com o humano podem incentivar um bom relacionamento com o animal, e podem ser realizados, por exemplo, por meio de escovações diárias. As escovações acostumam o cavalo ao toque humano, e podem ser intensificadas nos pontos onde os equipamentos como sela e cabeçada serão posteriormente colocados. Após este passo, são paulatinamente apresentados equipamentos como mantas e selas, para acostumar o animal à sua presença.

O adestramento para a equitação em si, também ocorre em etapas. A primeira etapa seria o “adestramento primário”, que consiste na “doma de chão”: um processo no qual o cavalo é ensinado a andar ao passo, trotar, galopar e mudar de direção conforme os comandos dados pelo adestrador. Considerando-se a doma racional, esse ensinamento deve ser dado de forma clara e progressiva, até o momento que o animal se encontra pronto para receber um cavaleiro montado. Neste momento, inicia-se o que Rink denomina de “adestramento básico”, também conhecido como “doma de cima”, que é “uma continuação dos mesmos comandos ensinados durante o adestramento primário, agora acionado pelo adestrador montado no dorso do cavalo” (Rink, 2008, p. 191). Etapa

---

<sup>23</sup> De acordo com Smith (2011, p. 9) e Birke (2008, p. 109), este modo de lidar com cavalos promoveu uma espécie de “revolução na comunidade equestre”, e desde meados da década de 1980 vem ganhando cada vez mais adeptos. Seus métodos de treinamento baseiam-se fundamentalmente na compreensão do comportamento natural dos cavalos, procurando respeitar a expressão destes, e assim estabelecer com eles uma comunicação eficiente. Deste modo, dariam “continuidade” aos trabalhos iniciados por um processo de doma racional, por exemplo (Birke, 2008, p. 107). Diversos treinadores da atualidade desenvolveram seus métodos de treino, doma e equitação específicos, baseados nestes fundamentos gerais (tais como Parelli (1993), Roberts (1996), Karl Hempfling (2001; 2006), Rink (2008), Nevzorov (2011), Jong (2019), Tellington-Jones (2019), entre outros).

por etapa, o animal deve aprender a se movimentar mantendo o seu equilíbrio natural, em todos os momentos da equitação (Rink, 2008, p. 192).

Durante os treinos, deve ser dada atenção à respiração, batimento cardíaco, condicionamento físico e estado psicológico do animal, para que o cavalo desenvolva uma boa relação com os exercícios (Rink, 2008, p. 318). Procura-se distinguir movimentos corporais e faciais, além de vocalizações (bufadas, resfôlegos, relinchos, roncões e guinchos) que indiquem medo, agressão, impulso à fuga, satisfação, calma, curiosidade, estresse etc. A partir daí, deve ser estabelecida com o cavalo uma comunicação não-violenta, buscando meios de fazê-lo cooperar com prazer.

Alguns métodos que se utilizam das bases da doma racional tornaram-se populares na atualidade, tais como a “doma índia”, a “doma a pé”, o “*join up*”, e a “cunhagem”, por exemplo. Na doma índia, em um primeiro momento o equino é colocado em um redondel, no qual também está seu treinador. Este pode passar horas socializando-se com o animal, e procurando compreender seu estado mental e emocional por meio da observação de seu comportamento. Depois, o cavalo é colocado em uma baia ou estábulo, onde é tocado por seu treinador, que acaricia seu corpo, de modo criar um vínculo entre os dois, e acostumar o cavalo ao toque humano. Posteriormente, ao cavalo é atada uma corda no pescoço, ou colocado um cabresto, e seu treinador o pede para segui-lo. Tendo sucesso, o animal é então montado em pelo, sem o auxílio de nenhuma sela ou outro arreio. O passo seguinte é a monta com os arreios completos. Já a doma “a pé”, bastante similar à doma índia, consiste em treinar o animal de modo que este caminhe ao redor do treinador em um redondel. Em um momento posterior, é colocada uma sela no animal, à qual vão sendo progressivamente incorporados pesos, e por último, um boneco. Após o animal acostumar-se, ele é então montado por seu treinador.

Na técnica da cunhagem, também conhecida como “*imprinting*”, tem-se como filosofia o contato desde o nascimento do potro. Consiste em aplicar-lhe carícias e brincadeiras leves, procurando fazer com que o potro veja o humano como parte integrante e saudável de sua vida. Os passos seguintes podem combinar diversos métodos de domas racionais.

Sobre o método *join-up*, pode-se dizer que este se tornou bastante popular após as publicações de Monty Roberts sobre o assunto (Roberts, 1996). O autor realizou, desde a década de 1950, inúmeras exposições de seu método não-violento nos Estados Unidos e em diversos países, inclusive no Brasil. Seu sucesso foi principalmente impulsionado por ter convencido a Rainha Elizabeth II da Inglaterra, da eficácia de suas práticas, no ano de 1989. Nestas apresentações, de modo geral, Roberts consegue estabelecer o que denomina



de “conexão” com um animal nunca domado em cerca de trinta minutos, não raro sendo já capaz de aceitar os arreios, e até mesmo montá-lo.

O autor, sem formação científica, observou o comportamento natural de cavalos selvagens em manada desde a tenra idade. Desenvolveu, por meio de seu método empírico, um modo de treinar e domar cavalos baseado nestas observações, estando descontente com os atuais métodos de doma da época (cerca de 1950/ 1960). Denominou a “linguagem não verbal” dos cavalos por ele percebida de “*equus*”, criando uma série de passos e ações cuja intenção seria estabelecer uma comunicação com o cavalo, tendo como base a expressão de movimentos corporais inseridas no repertório desta “linguagem”.

Sem o uso de dor ou força, o cavalo deve neste método ser convencido a aceitar os arreios. Este é conduzido para um redondel, onde o treinador, munido a princípio apenas de uma corda simples, irá fazer uma série de movimentos corporais tentando estabelecer uma ligação com o cavalo. O intuito é fazer com que o cavalo aceite o treinador como líder. Assim, ele o faz correr de um lado para o outro, estabelecendo sua posição nesta “manada” homem/ animal, procurando imitar os movimentos de um garanhão ou égua dominante (a depender do momento da doma). O cavalo deve responder com sinais corporais como certos movimentos de cabeça e pescoço, orelhas, olhos, língua e mastigação. O treinador lê estes sinais, até perceber que estes indicam submissão (por exemplo, o baixar o pescoço, lamber os lábios e mastigar, são vistos como atitudes de confiança e submissão). Neste momento, o treinador passa a apresentar uma linguagem corporal passiva, e volta suas costas ao cavalo, cessando os movimentos, sem contato visual. Tal ato “convida” o cavalo a aproximar-se do treinador por vontade própria (“*join up*”). Quando isto ocorre, interpreta-se que o animal aceitou a liderança humana, e estabeleceu um elo de confiança (Roberts, 1996).

Sobre as críticas às práticas de doma racional na atualidade, destaca-se que alguns autores, como Henshall e McGreevy (2014), estudaram aspectos comuns a estes métodos, tais como o treinamento dentro de redondéis (que inclui a observação do cavalo, a fim de agir como um membro dominante de sua manada). Os autores observam que a maioria dos métodos de doma racional e de *horsemanship* natural foram criados, em grande parte, com base em observações empíricas em campo. Tais observações foram as responsáveis pelo estabelecimento desta questão da “dominância” como relevante, baseada em relações agonísticas da manada, que levariam à manutenção da coesão social (Henshall e McGreevy, 2014, p.2). Falhas neste tipo de treinamento são geralmente atribuídas ao fato de o humano não ter estabelecido uma linguagem corporal de dominância adequada. Entretanto, “o comportamento agonístico representa apenas uma pequena parte das

interações de manadas selvagens e domésticas (...) e são geralmente limitadas a contextos específicos como disputa por recursos ou éguas” (Henshall e McGreevy, 2014, p.2, tradução nossa). Assim, chama-se a atenção para o fato de que a ênfase da doma racional, de modo geral, recai muito sobre os comportamentos agonísticos, e muito pouco sobre os comportamentos afiliativos dos cavalos. Além disso, na natureza, a “perseguição”, imitada pelo método *join up*, por exemplo, tem curta duração. Já no método *join up* em si, esta pode durar até quinze minutos, e o cavalo não tem como fugir do redondel, o que pode ser causa de estresse desnecessário<sup>24</sup>. Os movimentos de lambe os lábios, ou mastigar, geralmente descritos pelos praticantes de doma racional como “sinal de submissão”, ou “sinal de raciocínio”, tampouco encontram ecos na etologia (Henshall e McGreevy, 2014, p.2). Segundo Glendell,

*enquanto os treinadores não tiverem uma compreensão razoável tanto da etologia da espécie, como das teorias da aprendizagem, eles não serão capazes de ter certeza que os métodos que estão usando são tão benignos quanto podem ser. Eles podem afirmar, ou assumir que estão utilizando métodos amigáveis ao cavalo, mas sem um conhecimento formal do comportamento equino, baseado no etograma do animal, tais noções permanecem meras afirmações, não fatos (Glendell, 2014, p.4).*

Também para Greindl (2014, p. 17), muitos destes métodos parecem ser benéficos ao cavalo, porém consideram que o homem deva “falar cavalês”, “o que evidentemente é uma ilusão” (Greindl, 2014, p. 17). Como comentado, é importante ressaltar que a grande maioria dos treinadores ou domadores que aplicam técnicas de doma racional, ou de treinamento com base em *horsemanship* natural, não buscam fundamentar a maior parte de suas metodologias em embasamentos científicos, com algumas exceções. De modo geral, é dada ênfase tanto à observação empírica do comportamento dos animais, como a um retorno aos antigos mestres dos séculos XVI ao XIX, no que concernem os primeiros e mais relevantes escritos sobre modos não violentos de manejo e treinamento (Henshall e McGreevy, 2014, p.2). Alguns, como Marijke Jong (2019), procuram embasar, ao menos uma parte de sua metodologia, em técnicas de aprendizado como condicionamento

---

<sup>24</sup> Sobre este assunto, Glendell (2014, p. 3), considera que métodos como o *join-up*, que incentivam esta “perseguição” de longa duração, poderiam ser comparados a técnicas de *flooding*. Por *flooding* entende-se um método psicoterápico para vencer fobias, que baseia-se na exposição do sujeito ao pior aspecto de sua fobia, com o intuito de demonstrar a irracionalidade de seus medos. Sob condições controladas, o sujeito seria levado a substituir seus medos pelo relaxamento. Esta experiência pode ser traumática; entretanto, nesse método, acredita-se ser necessária para diminuir os efeitos da fobia na vida diária. Glendell afirma que prender um cavalo em um redondel e persegui-lo seria como colocá-lo em uma situação traumática onde este não pode escapar, sendo que na natureza um cavalo não é submetido a *flooding* por outro cavalo.

clássico, operante, habituação etc. Outros, buscam embasar de algum modo, os comportamentos naturais do cavalo, ou mencionar estudos que comprovem a importância de seu bem-estar mental (Parelli, 1993; Tellington-Jones, 2019). Sobre o uso de equipamentos como cabeçadas e embocaduras, não há, pela maioria deles, embasamento científico para sua adoção ou não, com exceção de Nevzorov (2011), por exemplo.

Birke (2008, p. 109) chama a atenção para o fato de que embora todos os seguidores da doma racional e da *horsemanship* natural mantenham um discurso de parceria com seus animais, suas narrativas por vezes retratam os cavalos de modos contraditórios: por vezes, considera-se o cavalo como um animal cujo comportamento precisa ser compreendido partindo-se de sua própria perspectiva. Nesta narrativa, o cavalo é “o outro”; a alteridade. Por outro lado, há a narrativa de parceria, que entende o cavalo como igual, antropomorfizando esta relação. Este tipo de compreensão, fez com que criadores de certos métodos de treinamento, como Tellington-Jones, Roberts e Hempfling, aplicassem os mesmos princípios básicos de seus exercícios com cavalos na criação de vivências e *workshops*, com o intuito de auxiliar humanos em questões de liderança (“*coaching*”)<sup>25</sup>.

Também se nota que as questões relacionadas à montaria em si (os métodos de comunicação cavaleiro-cavalo, quando montado), não apresentam tantas mudanças quanto aos métodos tradicionais, quando comparadas aos treinos no chão (cavaleiro ou treinador em pé). As ajudas permanecem as mesmas que as utilizadas na montaria tradicional: pressão nas rédeas, pressão das pernas, movimento do assento etc. Nos métodos tradicionais, entretanto, não havia a preocupação, de modo geral, em aliviar esta pressão (o que parece ser um dos principais objetivos dos métodos de doma racional ou de *horsemanship* natural em montaria). O alívio é visto como a recompensa, frequentemente acompanhada de um elogio ou carinho (condicionamento operante). Birke (2008, p. 112) e McLean e colaboradores (2017, p.127), lembram, entretanto, que

---

<sup>25</sup> Sobre a antropomorfização na relação com os cavalos, Glendell (2014, p. 3) comenta que é muito comum que os treinadores, seguidores de métodos de *horsemanship* natural, utilizem termos como “respeito” e “confiança” para descrever sua relação com o cavalo. O autor lembra que tais palavras estão sujeitas a má-interpretação, sendo que não há evidências científicas de que cavalos possam compreender estes conceitos, ou de que possuem consciência moral, sendo capazes de compreender que devem ser disciplinados quando “erram”. “*Enquanto houve grandes avanços, nas décadas recentes, na comunicação humano/animal, e no surgimento da antrozoologia como uma disciplina acadêmica, parece que o mundo equestre tem, ou rejeitado uma compreensão científica do comportamento, ou simplesmente ainda não tenha acordado para métodos mais humanos na comunicação humano/animal e no treinamento (...). Um método não científico não nos permite ver os cavalos com objetividade, como os animais sencientes que de fato são*” (Glendell, 2014, p.3, tradução nossa).

treinadores e cavaleiros experientes podem reconhecer sinais de desconforto nos cavalos, porém essa percepção não é algo simples para a maioria dos praticantes de equitação. Estes não possuem, de modo geral, conhecimento sobre o comportamento equino, bem como sobre suas expressões faciais, movimentação de orelhas etc. Tal fato faz com que não haja, de modo geral, consistência na aplicação de uma pressão “leve” nas ajudas, ou a correta compreensão do que seria um “alívio”. Neste ponto, estes métodos ainda teriam muito a avançar.

## 5. Relações de Poder e a Desconstrução do Arquétipo do Cavaleiro e do Cowboy

Max Weber não se referia à relação humano/ cavalo, quando concebeu sua definição seminal de poder na sociedade. Porém, tomando-se aqui uma licença filosófica, pode-se trazê-la para esta realidade. De acordo com o autor, “poder significa a probabilidade de impor a própria vontade dentro de uma relação social, mesmo que contra toda a resistência e qualquer que seja o fundamento dessa probabilidade” (Weber, 1984, p. 43). Encaixam-se nesta definição, evidentemente, ações coercitivas, de agressão física e psicológica; ou seja, inserem-se aqui também diferentes tipos de violência. Como aponta Lawlor, a relação humano / animal, de modo geral, “tem sido, por muito tempo, uma relação de violência. Ou, utilizando a terminologia de Foucault (...) esta relação, tem, por muito tempo, sido uma relação de poder” (Lawlor, 2017, p. 25, tradução nossa). Poder e violência – objetivo e ferramenta.

Assim, com mais uma licença, evoca-se Foucault<sup>26</sup>. Como lembra o autor, tratar um humano como um animal, ou “animalizá-lo”, pode fazer parte de uma estratégia política para racionalização da violência (Chrulw e Wadiwel, 2017, p.3). O ato de tratar um animal com violência, portanto, poderia ser tido como algo admissível socialmente, sob uma ótica antropocentrista.

O arquétipo do cavaleiro, ou do cowboy, foi construído com base em uma relação clara de poder sobre o animal. Porém, ainda que não implique necessariamente no

---

<sup>26</sup> Ressalta-se que utiliza-se aqui o termo “licença” pois, como lembram Shapiro (2017, p.8) e Palmer (2017, p. 109), Foucault raramente tratou da questão animal; e quando o fez, foi a partir de uma perspectiva antropocentrista, ainda que descentralizadora, em muitos aspectos. Também de acordo com Dinesh e Wadiwel, “*Foucault nunca tematizou, explicitamente, as relações humanas com as não-humanas, de modo a politizar seus corpos e vidas; tampouco ele viveu o bastante para se engajar nos mais recentes estudos sobre os animais*” (Chrulw e Wadiwel, 2017, p.3, tradução nossa). De qualquer modo, “*o pensamento seminal de Foucault provê um molde teórico para examinar assuntos como agência, interseccionalidade, linguagem, e biopoder*” (Shapiro, 2017, p.8, tradução nossa).

exercício deste poder via atos violentos, não pode ser totalmente dissociado desta configuração. Como foi observado, métodos agressivos de doma e treinamento fizeram parte da história da domesticação do cavalo; ressoaram nas palavras de Grisone e Fillis; e ainda são observados na atualidade.

Os levantamentos históricos aqui apresentados deixam clara a percepção que as figuras do cavaleiro e do cowboy carregam todo o peso das tradições heteropatriarcais, presentes de modo geral, nas sociedades ocidentais<sup>27</sup>. Assim, este poder via agressão e dominação explícita sobre o animal, como chamou à atenção Anna Sewell já em fins do século XIX, tem suas raízes em um comportamento de dominação generalizado sobre as “outras formas de vida”, que não sejam estes homens.

Diversos autores, tais como Dunayer (1995), López Rodríguez (2009), Savvides (2011), Bujok (2013), Palmer (2017) e Pugliese (2017, pp. 24-25), entre outros, por exemplo, afirmam ser comum nas sociedades ocidentais a observação de similaridades em relações de poder e violência de cunho especicista, racista ou sexista. Estas verticalidades constantes, teriam seu ápice no homem heterossexual, branco, em uma escala descendente até os animais. “Animalidade bruta que pode ser capturada, escravizada, e morta impunemente” (Pugliese, 2017, p. 25, tradução nossa).

Bueno (2015), por exemplo, em seu texto “Da Violência Contra Éguas e Mulheres”, chama ao debate social a percepção destas similaridades neste tipo de agressão no contexto da doma gaúcha. Segundo o autor,

*Em 1984 fez muito sucesso uma música gauchesca (...) composta por Roberto Ferreira e Mauro Ferreira, chamada ‘Morocha’, cantada por um conjunto intitulado Davi Menezes Junior e Os Incompreendidos: “Aprendi a domar amanunciando égua / E para as mulher vale as mesmas regras / Animal, te pára, sou lá do rincão / Mulher pra mim é como redomão / Paleador nas patas e pelego na cara”, diz o refrão da música. Traduzindo para a língua falada no Brasil, mais ou menos quer dizer que o autor aprendeu a amansar éguas, e aplica o mesmo procedimento às fêmeas de sua própria espécie, inclusive com uso de uma espécie de algemas e venda para os olhos – que fazem parte da doma equina, conforme o caso (...). Curiosamente, uma música similar foi lançada em resposta à primeira. Intitulada ‘Morocha, não’, de Leonardo, um dos mais conhecidos cantores-compositor da música*

---

<sup>27</sup> De acordo com Santos, “o heteropatriarcado ou cis-heteropatriarcado é um sistema sociopolítico, no qual a heterossexualidade cisgênera e o sexo masculino têm supremacia sobre os demais seres sociais e sobre as outras orientações sexuais. É um termo que enfatiza que a discriminação exercida tanto sobre as mulheres como sobre as pessoas LGBTI, e têm o mesmo princípio social do machismo” (Santos, 2019, p. 7).

*regional do RS, já falecido, respondia às bravatas. “Ouvi um quera largado, gritando em uma canção / que as regra pra um ser humano é a mesma dos animais / que trata que nem baguais / maneando patas e mão” diz um trecho (...). O refrão é “morocha não, respeito sim / Mulher é tudo, vida e amor / Quem não gostar que fique assim / Grosso, machista e barranqueador”. Barranquear, traduzindo, é estuprar – isto vai ser contestado, mesmo que mentalmente, por muitos, que não vão se manifestar por vergonha – uma égua fazendo uso de um pequeno declive para que, digamos, os genitais fiquem na mesma altura (Bueno, 2015, s/p).*

Como mencionado anteriormente, Savvides (2011, p.63) chama à atenção para a similaridade no “uso” dos corpos das mulheres e dos animais no século XIX, como instrumentos que devem ser controlados pelos homens. O texto atual de Bueno, demonstra que esta postura ainda se faz, de certo modo, presente. Também Dunayer (1995) e López Rodríguez (2009) lembram que uso dos corpos das mulheres é comparável ao dos animais em nossa sociedade atual, sendo esta configuração mantida, por exemplo, por meio de metáforas que sexualizam e instrumentalizam os corpos de ambos. Mulheres são comumente chamadas de “gatas”, “cadelas”, “vacas”, “potrancas”. Expressões que serviriam para comparar o comportamento de ambos os seres em diferentes situações, “identificações metafóricas (...) que podem expressar ou perpetuar avaliações coletivas sobre seu papel na sociedade, reforçando estereótipos, e encaixando as pessoas na normativa binária do ‘self’ e do ‘outro’” (López Rodríguez, 2009, p.95, tradução nossa). Como “o outro”, a autora coloca todos os seres que não estariam no ápice da cadeia heteropatriarcal.

Ainda de acordo com Hansen (2017, p.140) e Palmer (2017, p. 122), em uma perspectiva foucaudiana, uma das mais óbvias maneiras de pensar a relação entre humanos e animais é justamente aquela que se faz entre seus corpos; corpos que devem ser transformados, melhorados, feitos dóceis e úteis. Também Palmer (2017, p. 121) compara os escritos de Foucault sobre a situação das mulheres subjugadas pelo poder masculino, com a situação dos animais. As mulheres, neste contexto, poderiam exercer certas ações “de poder”, tais como serem infiéis; extraírem dinheiro de seus maridos; ou recusá-los sexualmente. Entretanto, estariam sujeitas a um estado de dominação, na medida em que todas estas ações nunca, de fato, reverteriam sua situação na sociedade. Assim também os animais, “poderiam responder de modo imprevisível, resistir ao poder humano, e talvez, até exercerem, eles mesmos, seu poder. Entretanto, estas microssituações são subjugadas, colonizadas, utilizadas (...) por mecanismos e formas mais gerais de dominação global” (Palmer, 2017, p. 121, tradução nossa).

Estes “mecanismos e formas mais gerais de dominação”, ao qual a autora se refere, podem ser inseridos em contextos nos quais não haja necessariamente, o uso de violência explícita. Na concepção de Bourdieu, por exemplo, o poder exige a cumplicidade do outro; ou seja: precisa do reconhecimento do dominado. Em sua obra “A Dominação Masculina” (1930 [2002]), o autor afirma que o controle exercido pelos homens sobre as mulheres seria tido como “invisível” por meio de uma “violência suave (...) invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente do desconhecimento” (Bourdieu, 1930 [2002], p.7-8). As mulheres, então, perceberiam esta dominação e esta ordem social, como aceitável e natural. Toma-se aqui neste artigo, mais uma licença para comparar esta visão à que estão sujeitos os animais<sup>28</sup>.

Já para Foucault, o poder seria um mecanismo de funcionamento, uma estratégia; o “poder mais se exerce do que se possui” (Foucault, 2011, p. 29).

*O poder disciplinar - ao invés de diretamente se apropriar e retirar - tem como objetivo maior “adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor”. Este poder fabrica os indivíduos, tomando-os como objetos e instrumentos do seu exercício. “Não é um poder triunfante”, é um poder “modesto”, entretanto, “permanente”. Seu sucesso deve-se à utilização de instrumentos simples, como o “olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame” (Foucault, 2011, p. 164 apud Rosa, 2017, p. 10).*

Seja considerando o cavalo como um agente que “se reconhece como dominado”, ou considerando-o como um ser “adestrado e apropriado”, há muitas maneiras de se praticar coerção, ou mesmo atos não “notadamente violentos” contra um animal, visando assegurar poder sobre o mesmo, que são ainda considerados socialmente aceitáveis (ou ao menos aceitas em muitos círculos equestres).

As “pequenas punições”, ou as “punições inevitáveis”, descritas por Xenofonte, Pluviniel e Cavendish, são mascaradas por alguns tipos de treinamento que “ênfatizam a gentileza”, mas que não abrem mão de esporas pontiagudas, embocaduras agressivas, cabeçadas apertadas e treinamentos exaustivos, nos quais esses e outros instrumentos podem ser utilizados para punir “se necessário”. Como lembram Boot e McGreevy (2013, p. 367), os pressupostos de Xenofonte ainda formam base, na atualidade, para a interpretação de um comportamento não desejável como desobediência, justificando a

---

<sup>28</sup> Assim como fez por exemplo Bujok (2013), em sua análise sobre a questão das mulheres e dos animais, sobre a perspectiva do conceito de poder de Pierre Bourdieu.

aplicação de punições nesses casos. Nesse tipo de doma e treinamento, o arquétipo do cavaleiro e do cowboy ainda triunfam, mesmo que de maneira considerada mais “nobre”. Afinal, o cavaleiro não é somente aquele que detém o poder sobre o animal, mas aquele capaz de agir com cortesia nos momentos em que a força não se faz necessária, e que é capaz de distinguir estes momentos.

Já métodos como os de doma racional e da *horsemanship* natural, sob certa ótica, propõe quase que uma ruptura com estes arquétipos tradicionais. Percebe-se a participação de homens de camadas sociais mais desfavorecidas (como o próprio Monty Roberts, por exemplo), e também, destaca-se, das mulheres, pela primeira vez na história da relação humano-cavalo, como agentes promotores de mudança. De acordo com Birk (2007) e Bur (2007), no ano de suas publicações, aproximadamente 80% das pessoas que praticavam equitação, no contexto da sociedade ocidental, era composto por mulheres. Savvides (2011, p.74) interpreta este novo contexto como uma identificação feminina com o cavalo, como se este fosse um instrumento de libertação da opressão. Esta configuração teria tomado lentamente forma a partir do século XIX, quando mulheres de altas classes sociais começaram a montar cavalos em ocasiões de lazer (Savvides, 2011; Munkwitz, 2012). Muitas delas, na época, ousaram desafiar os pressupostos de Fillis, e vestiram calças para montar como homens. São hoje delas herdeiras, as mulheres que criam seus próprios métodos de doma e treinamento. Na mídia atual, percebe-se um grande número de desenhos animados infantis, filmes e livros, que conectam agora a imagem da mulher com a montaria. Um novo arquétipo começa a ser moldado; uma mulher livre, dona de si, que compreende os animais, e fala sua língua. Nesse arquétipo, o poder pela agressão, ou pela altivez nobre, é substituído por uma espécie de poder que conquista pela compreensão, e por uma aura quase mágica de comunicação com o animal.

Quando se menciona a tentativa de compreensão e diálogo, volta-se aos pressupostos pregados por De Pavari e Gamboa, ainda no século XVI e XVII. Não se pode dizer que os escritos destes autores tinham como intuito desconstruir o arquétipo do cavaleiro. Afinal, foram direcionados a um público muito específico: cidadãos brancos, de alto status, e do sexo masculino, incluindo em grande parte, a nobreza. Porém, pode-se dizer que em muito contribuíram para o início desta desconstrução; uma tendência que só veio a se consolidar em fins do século XX. Não se pode afirmar que, nestas técnicas atuais, não haja também, por muitas vezes, uma tentativa de dominação - obviamente, o humano nesta configuração, deseja adestrar o cavalo. A diferença crucial se dá aqui pelo desejo de respeitar o estado físico e psicológico do animal; e uma aspiração por compreender sua “linguagem”.



O' Brien (2017) realizou uma pesquisa com 154 praticantes de *horsemanship* natural nos Estados Unidos. 82% destes eram mulheres, entre 18 e 70 anos. O intuito era responder um questionário centrado em questões como parceria e liderança. Segundo seus resultados,

*de modo geral, os praticantes de horsemanship natural objetivam a conexão intersubjetiva com os cavalos (...). Ao invés de métodos tradicionais de dominância e controle, eles desejam uma relação com os cavalos de parceria e amizade – uma interação na qual o cavalo e a pessoa “esforçam-se um pelo outro” (O'Brien, 2017, p. 30).*

De qualquer modo, como mencionado anteriormente, apesar deste contexto majoritariamente aparentemente “bem intencionado”, e focado no bem-estar animal, como lembram Birke (2008, p. 109), Glendell (2014), Henshall e McGreevy (2014) e McLean et al. (2017), por vezes o próprio desconhecimento da etologia do animal pode causar desconforto, ou promover ações, de certo modo, agressivas. Enfatiza-se mais uma vez, que ao buscar enfatizar ações que mimetizam a “dominância” na manada, na doma ou treinamento, em detrimento de ações afiliativas, o humano desta relação pode incorrer em abusos psicológicos, mesmo que partindo de um posicionamento favorável ao bem-estar do animal (Henshall e McGreevy, 2014; McLean et al., 2017).

Como lembra Hansen (2017, p. 157), os métodos de doma e treinamento não são, de modo geral, ferramentas “inocentes” quanto à ideologia de dominação. Ao buscar uma “parceria” com o cavalo, por meio de um “falar cavalês” que se baseia, principalmente, em tomar o papel da égua ou garanhão dominante, não estaria o humano reproduzindo, “metaforicamente”, também as relações de dominância exercidas pelo arquétipo do cavaleiro ou cowboy? Pode-se dizer que relações de “parceria”, do ponto de vista da etologia, estariam ligadas à expressão de uma grande e ampla gama comportamental na manada. A coesão de um grupo não é somente mantida por meio de ações de dominância.

Nem sempre, como observado, estas tentativas de comunicação e compreensão humano/ animal são bem sucedidas, ou mesmo, fazem algum sentido do ponto de vista científico. Porém, mesmo assim destaca-se esta tendência como de grande valor social. Trata-se, de qualquer modo, de um esforço empírico de harmonização com outra espécie; não surge de baixo para cima, de uma sala de um cientista como uma conduta que deve ser aceita, mas sim, das próprias pessoas que lidam com cavalos em seu dia-a-dia. É um movimento de ruptura que parte daqueles que convivem com os animais, e que sentiram que as velhas estruturas já não lhes serviam mais. Essas pessoas comuns são trabalhadores em ranchos, hípicas, filhos e filhas de treinadores. São mulheres e homens com as mais

diferentes formações, que se fazem ouvir principalmente por via de mídias sociais, hoje de fácil acesso a grande parte da sociedade.

Dar força a essa tendência, é dar força a um caminho que poderá, futuramente, tanto abarcar questões científicas e etológicas, como dar voz às mulheres e homens que de fato, lidam com o animal dia-a-dia, e parecem ter em comum a preocupação com seu bem-estar como motivação primordial. Um caminho possível para a consolidação das “práticas éticas”, propostas por Heleskia e Anthony (2012). Há muitas variações nas linhas de *horsemanship natural*, que por abarcarem ainda metodologias muito recentes, do ponto de vista histórico, ainda tem um longo caminho a percorrer em seu aperfeiçoamento.

## 6. Apontamentos Finais

Este artigo buscou tecer um breve panorama sobre os métodos de doma e treinamento inicial hoje em prática na equitação ocidental, com maior enfoque para o contexto brasileiro. De qualquer modo, como mencionado, os cavalos estão presentes nas mais diversas sociedades humanas ao redor do globo, do ocidente ao oriente, tendo sido domesticados em cerca de 5.500 a.C. Fazem parte de nossa história como humanidade. Certamente, o rumo desta teria sido muito diferente sem estes animais. Busca-se com este artigo, não uma proposta de ruptura desta relação; ou mesmo o fim das práticas de equitação (que dependem de doma e treinamento prévios).

Retomando as palavras de Nevzorov sobre Chuang Tzu, acredita-se ser possível estar com e sobre o cavalo, “não contra sua vontade, mas com seu consentimento” (Nevzorov, 2011, p. 9-14, tradução nossa). Consentimento é algo que em muito se distancia de ações que geram desamparo aprendido. Consentimento; um termo tão mencionado na atualidade, inclusive, não pode ser dissociado, mais uma vez, do contexto feminino. A liberdade dos corpos, em sua espontânea expressão, deve ser a principal preocupação dos métodos de treino e doma.

Estas últimas palavras, treino e doma, ainda trazem grande peso ideológico, como lembra Hansen (2017, p. 157), e tal realidade não deve ser ignorada. Mesmo assim, há de se encontrar meios, com base na ciência e na empatia, de reconstruir estas práticas. Espera-se que a descrição dos métodos aqui mencionados, tradicionais ou contemporâneos, possa incentivar os debates focados no bem-estar equino. Manifesta-se, por fim, a favor de programas de doma e treinamento que unam tanto a preocupação com

a saúde física e mental dos animais, quanto a inclusão de diversos atores sociais, buscando um equilíbrio saudável entre manifestações culturais e práticas éticas.

## Bibliografia

- Anthony, D.W. (2007). *The horse, the wheel, and language: How Bronze Age riders from the Eurasian steppes shaped the modern world*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Anthony, D. W., e Brown, D. R. (2011). The Secondary Products Revolution, Horse-Riding, and Mounted Warfare. *Journal of World Prehistory*, 24, 131-160. doi: 10.1007/s10963-011-9051-9
- Bueno, M. A. (2015). Da violência contra éguas e mulheres. *Ambiente Legal - Legislação, Meio Ambiente e Sustentabilidade*. Recuperado de: <http://www.ambientelegal.com.br/da-violencia-contra-eguas-e-mulheres/>.
- Birke, L. (2007). Learning to speak horse: the culture of 'natural horsemanship.' *Society and Animals*, 15, 217-239. doi: <https://doi.org/10.1163/156853007X217177>
- Birke, L. (2008). Talking about Horses: Control and Freedom in the World of "Natural Horsemanship". *Society and Animals*, 16, 107-126. doi: 10.1163/156853008X291417.
- Bujok, M. (2013). Animals, women and social hierarchies: Reflections on power relations. *DEP*, 23, 32-47. Recuperado de: [https://www.unive.it/media/allegato/dep/n23-2013/Documenti/02\\_Bujok.pdf](https://www.unive.it/media/allegato/dep/n23-2013/Documenti/02_Bujok.pdf).
- Burr, S. (2007). Pet, pal or privileged human: exploring the relationship between women and horses. En *Animals and Society II: Considering Animals Conference*, (p.849), Hobart, Australia.
- Boot, M., e McGreevy. P. D. (2013). The X files: Xenophon re-examined through the lens of equitation science. *Journal of Veterinary Behavior Clinical Applications and Research*, 8 (5), 367-375. doi: 10.1016/j.jveb.2013.03.002
- Bourdieu, P. A. (1930 [2002]). *Dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Chrulew, M., e Wadiwel, D. J. (eds.). (2017). *Foucault and Animals*. Leiden, Boston: Brill.
- Cook, W. R. (2006). *The Evolution of Bitless Equitation*. Recuperado de: [https://www.bitlessbridle.com/wpcontent/uploads/2017/10/Evolution\\_of\\_bitless\\_equitation.pdf](https://www.bitlessbridle.com/wpcontent/uploads/2017/10/Evolution_of_bitless_equitation.pdf).

- Dalla Costa, E., Dai, F., Lebelt, D., Scholz, P., Barbieri, S., Canali, E., ... Minero, M. (2016). Welfare assessment of horses: the AWIN approach. *Animal Welfare*, 25, 481–488.
- Dias, I. (1997). *A Arte de Ser um Bom Cavaleiro*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Dorré, G. M. (2002). Horses and Corsets: Black Beauty, Dress Reform, and the Fashioning of the Victorian Woman. *Victorian Literature and Culture*, 30, 157–78. doi: <https://doi.org/10.4324/9781315235059>.
- Dunayer, J. (1995). Sexist Words, Speciesist Roots. En L. Carol J. Adams e Josephine Donovan (eds). *Animals and Women: Feminist Theoretical Explorations* (pp.11-29). Durham: Duke University Press.
- Ewers, J. (1955). *The horse in Black-Foot Indian culture*. Washington, DC: Smithsonian Press.
- Faigan, B. (2015). *The Intimate Bond: How Animals Shaped Human History*. Bloomsbury: Publishing USA.
- Farmer-Dougan, V. A., e Dougan, J.D. (1999). The Man Who Listens to Behavior: Folk Wisdom and Behavior Analysis from a Real Horse Whisperer. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 72 (1),139–149. doi: 10.1901/jeab.1999.72-139
- Feldman, M. H., e Sauvage, C. (2010). Objects of Prestige? Chariots in The Late Bronze Age Eastern Mediterranean and Near East. *Egypt and the Levant*, 20, 67-181. doi:10.1553/aeundl20s67.
- Foucault, M. (2011). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: RJ: Vozes.
- Garcia, A. M., e Milder, S. E. S. (2012). Convergências e divergências: aspectos das culturas indígenas Charrua e Minuano. *Vivência – Revista de Antropologia*, 39, 37-49. Recuperado de: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/1933>.
- Glendell, G. (2014). *Open letter to the British Horse Society Horse welfare and training for equestrians*, 2014. Recuperado de: <http://www.ebta.co.uk/Glendall-BHS-Jan2014.pdf>.
- Greindl, A. (2014). *Les implications de la science de l'équitation dans la relation entre le cavalier de dressage et son cheval* (Trabalho de conclusão de curso). Université de Liège. Faculté de Médecin Vétérinaire, Liège.
- Hansen, N. C. Dressage: Training the Equine Body. (2017). En: M. Chrulew, e D. J. Wadiwel, (eds.). *Foucault and Animals* (p.8). Leiden, Boston: Brill.
- Hempfling, K. F. (2001). *Dancing with horses: Collected riding on a loose rein*. North Pomfret, Vermont: Trafalgar Square.
- Hempfling, K. F. (2006). *What horses reveal: From first meeting to friend for life*. North

- Pomfret, Vermont: Trafalgar Square.
- Henshall, C., e McGreevy, P. D. (2014). The role of ethology in round pen horsetraining - A review. *Applied Animal Behaviour Science*, 155, 1–11. doi: 10.1016/j.applanim.2014.03.004
- Hunziker, M. H. L. (1997). Um Olhar Crítico sobre o Estudo do Desamparo Aprendido. *Estudos de Psicologia*, 14 (3), 17-26. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X1997000300002>.
- Jardim, M. H. Domesticação e Identidade Feminina na constrição do século XVIII e XXI (2013). En 9º *Colóquio de Moda – Fortaleza(CE) – 2013*. Recuperado de: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/31666788/MARILIAJARDIM\\_9coloquiode moda](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/31666788/MARILIAJARDIM_9coloquiode moda).
- Jardim, M. H. (2014). A Anatomia do Corset (2014). En *Anais I Congresso Internacional de Memória, Design e Moda. Moda Documenta: Museu, Memória e Design. Maio de 2014*. Recuperado de: <http://modadocumenta.com.br/pdf/IVMD201433-1.pdf>
- Jong, M. (2019). *Straightness Training*. Recuperado de: <https://www.straightnesstraining.com/where-to-start/>.
- Kelder, J. M. (2012). Horseback Riding and Cavalry in Mycenaean Greece. *AWE*, 11, 1-18. doi: 10.2143/AWE.11.0.2175875.
- Landry, D. (2001). *The Invention of the Countryside. Hunting, Walking and Ecology in English Literature, 1671-1831*. Hampshire: Palgrave.
- Lawlor, L. Violence and Animality: An Investigation of Absolute Freedom in Foucault's History of Madness (2017). En: M. Chrulew, e D. J. Wadiwel, (eds.). *Foucault and Animals* (pp.59-86). Leiden, Boston: Brill.
- Levine, M. A. (2005). Domestication and early history of the horse. In: S. Mills, e S. McDonnell. (eds). *The Domestic Horse: The Origins, Development, and Management of its Behaviour* (pp.5-22). Cambridge: Cambridge University Press.
- Lima, D. V. (2015). “Cada doma é um livro”: a relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil).  
[https://www.academia.edu/36805230/LIMA\\_D.V.\\_Cada\\_doma\\_%C3%A9\\_um\\_livro\\_A\\_rela%C3%A7%C3%A3o\\_entre\\_humanos\\_e\\_cavalos\\_no\\_pampa\\_sul-rio-grandense](https://www.academia.edu/36805230/LIMA_D.V._Cada_doma_%C3%A9_um_livro_A_rela%C3%A7%C3%A3o_entre_humanos_e_cavalos_no_pampa_sul-rio-grandense).
- Littauer, M.A., e Crouwel, J.H. (2001). The Earliest Evidence for Metal Bridle Parts. *Oxford Journal of Archaeology*, 20, 329 - 338. doi: 10.1111/1468-0092.00140.

- López Rodríguez, I. (2009). Of women, bitches, chickens and vixens: animal metaphors for women in English and Spanish *Cultura, Lenguaje y Representación/Culture, Language and Representation*, 7 (7), 77–100. Recuperado de: <file:///C:/Users/cassi/OneDrive/Documentos/artigo%20equino/226358-Texto%20del%20art%C3%ADculo-308111-1-10-20110221.pdf>.
- Marchello-Nizia, C. (1996). Cavalaria e Cortesia. En L. Giovanni, e J.C. Schmitt (orgs). *Uma História dos Jovens*. Volume I. (p.143). São Paulo: Companhia das Letras.
- McLean, A.N., McGreevy, P.D., e Christensen, J.W. (2017). The application of learning theory in horse training. *Applied Animal Behaviour Science*, 190, 118–127. doi: 10.1016/j.applanim.2017.02.020.
- Merton, T. (2004). *The Way of Chuang Tzu*. Boulder: Shambhala Publications.
- Munkwitz, E. (2012). *Vixens of Venery: Women, Sport, and Fox-Hunting in Britain, 1860-1914*. Oxford: Berghahn Books.
- Nevzorov, A. (2011). *The Horse Crucified and Risen*. Los Gatos, California: Smashwords Editions.
- O'Brien, K. L. (2017). “We go the extra mile for each other”: the construction of human horse relationships in natural horsemanship. (Dissertação de Mestrado). Michigan State University, Michigan.
- Olsen, S. L. (1989). Solutré: A theoretical approach to the reconstruction of Upper Paleolithic hunting strategies. *Journal of Human Evolution*, 18 (4), 295-327. doi: [https://doi.org/10.1016/0047-2484\(89\)90034-1](https://doi.org/10.1016/0047-2484(89)90034-1).
- Padalino, B., Radial, S.L., Hall, E., Knight, P., Celi, P., Jeffcott, L., e Muscatello, G. (2016). Survey of horse transportation in Australia: issues and practices. *Australian Veterinary Journal*, 94, 349–357. doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0162371>.
- Palmer, C. “Taming the Wild Profusion of Existing Things”? A Study of Foucault, Power, and Human/Animal Relationships. (2017). En M. Chrulew, e D. J. Wadiwel, (eds.). *Foucault and Animals* (p.8). Leiden, Boston: Brill.
- Parelli, P. (1993). *Natural Horse-man-ship*. Fort Worth: Western Horseman.
- Pugliese, J. Terminal Truths: Foucault’s Animals and the Mask of the Beast (2017). En M. Chrulew, e D. J. Wadiwel, (eds.). *Foucault and Animals* (pp.19-36). Leiden, Boston: Brill.
- Pluviniel, A. (1625). *L’instruction du Roy en l’exercice de monter à cheval, desseignées & gravées par Crispian de Pas le jeune*. Paris: M. Nivelles.

- Randle, H., Steenbergen, M., Roberts, K., e & Hemmings, A. (2017). Use of the technology in equitation science: A panacea or abductive science? *Applied Animal Behaviour Science*, 190, 57–73. doi: <https://doi.org/10.1016/j.applanim.2017.02.017>.
- Roberts, M. (1996). *The man who listens to horses*. New York: Random House.
- Rosa, T. B. (2017). Poder em Bourdieu e Foucault: Considerações sobre o Poder Simbólico e o Poder Disciplinar. *Revista Sem Aspas*, 6 (1), 3-12. doi: DOI: 10.29373/semaspas.v19n1.2017.9933.
- Rink, B. (2008). *Desvendando o Enigma do Centauro - como a união homem-cavalo acelerou a história e transformou o mundo*. São Paulo: Equus Brasil. Infomappas Editora Ltda.
- Santos, T. F. S. (2019). Vivência de Sexo: Outras Construções Possíveis. En *Anais do 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Tema: "40 anos da 'Virada' do Serviço Social"*. Brasília, novembro de 2019, (vol. 16, n. 1). Recuperado de: <http://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/issue/view/1>
- Savvides, N. (2011). 'Loving-knowing' women and horses: Symbolic connections, real life conflicts and 'natural horsemanship'. *Humanimalia*, 3 (1), 60-76. Recuperado de: [http://www.depauw.edu/site/humanimalia/issue 05/savvides.html](http://www.depauw.edu/site/humanimalia/issue%2005/savvides.html)
- Schubert, M., Jónsson, H., Chang, D., Der Sarkissian, C., Ermini, L., Ginolhac, A., ... Orlando, L. (2014). Prehistoric genomes reveal the genetic foundation and cost of horse domestication. *PNAS*, 30,111 -152. doi: <https://doi.org/10.1073/pnas.1416991111>.
- Shapiro, K. Foreword. (2017). En M. Chrulew, e D. J. Wadiwel, (eds.). *Foucault and Animals* (p.8). Leiden, Boston: Brill.
- Smith, S. J. (2011). Becoming Horse in the Duration of the Moment: The Trainer's Challenge. *Phenomenology & Practice*, 5 (1), 7-26. doi: <https://doi.org/10.29173/pandpr19833>.
- Tatomir, R. (2014). The Presence of Horse in Ancient Egypt and The Problem of Veracity of The Horseshoe Magic in The Ancient Egyptian Folklore and Mythology. En: D. Dana, (coord.). *Hippika. Calul in istoria omului* (pp. 321-340). Craiova: Editura Universitaria Craiova.
- Telligton-Jones, L. *TTouch*. (2019). Recuperado de: <http://www.ttouch.com/>.
- Tomassini, G. B. (2013a). Bitless equitation in ancient times. *The Works of Chivalry*. Recuperado de: <http://worksofchivalry.com/marco-de-pavari-and-the-dominion-of-pleasantness>.

- Tomassini, G. B. (2013b). The Corinthian bit. *The Works of Chivalry*. Recuperado de: <http://worksofchivalry.com/the-corinthian-bit/>.
- Tomassini, G. B. (2014). Marco de Pavari and the dominion of pleasantness. *The Works of Chivalry*. Recuperado de: <http://worksofchivalry.com/marco-de-pavari-and-the-dominion-of-pleasantness/>.
- Tomassini, G. B. (2017). Dom Duarte's travel. *The Works of Chivalry*. Recuperado de: <http://worksofchivalry.com/bronze-age-bits/>.
- Warmutha, V. Eriksson, A., Bower, M., Barker, G., Barrett, E., Hanks, B., ... Manica, A. (2012). Reconstructing the origin and spread of horse domestication in the Eurasian steppe. *PNAS*, 109, (21), 8202-8206. doi: <https://doi.org/10.1073/pnas.1111122109>.
- Weber, M. (1984). *Economia y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Williams, J.M., e Randle, H. (2017). Is the expression of stereotypic behavior a performance limiting factor in animals? *Journal of Veterinary Behavior Clinical Applications and Research*, 20,1-10. doi: 10.1016/j.jveb.2017.02.006

## CÁSSIA BARS HERING

Mestre e Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/ USP: 2010 - 2015). Especialização em Comportamento Animal (UNIFEOP, 2019). Atualmente desenvolve pesquisa sobre domesticação animal.